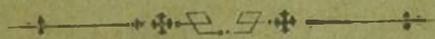


MELLO MORAES FILHO

COSTUMES E TRADIÇÕES DO BRAZIL

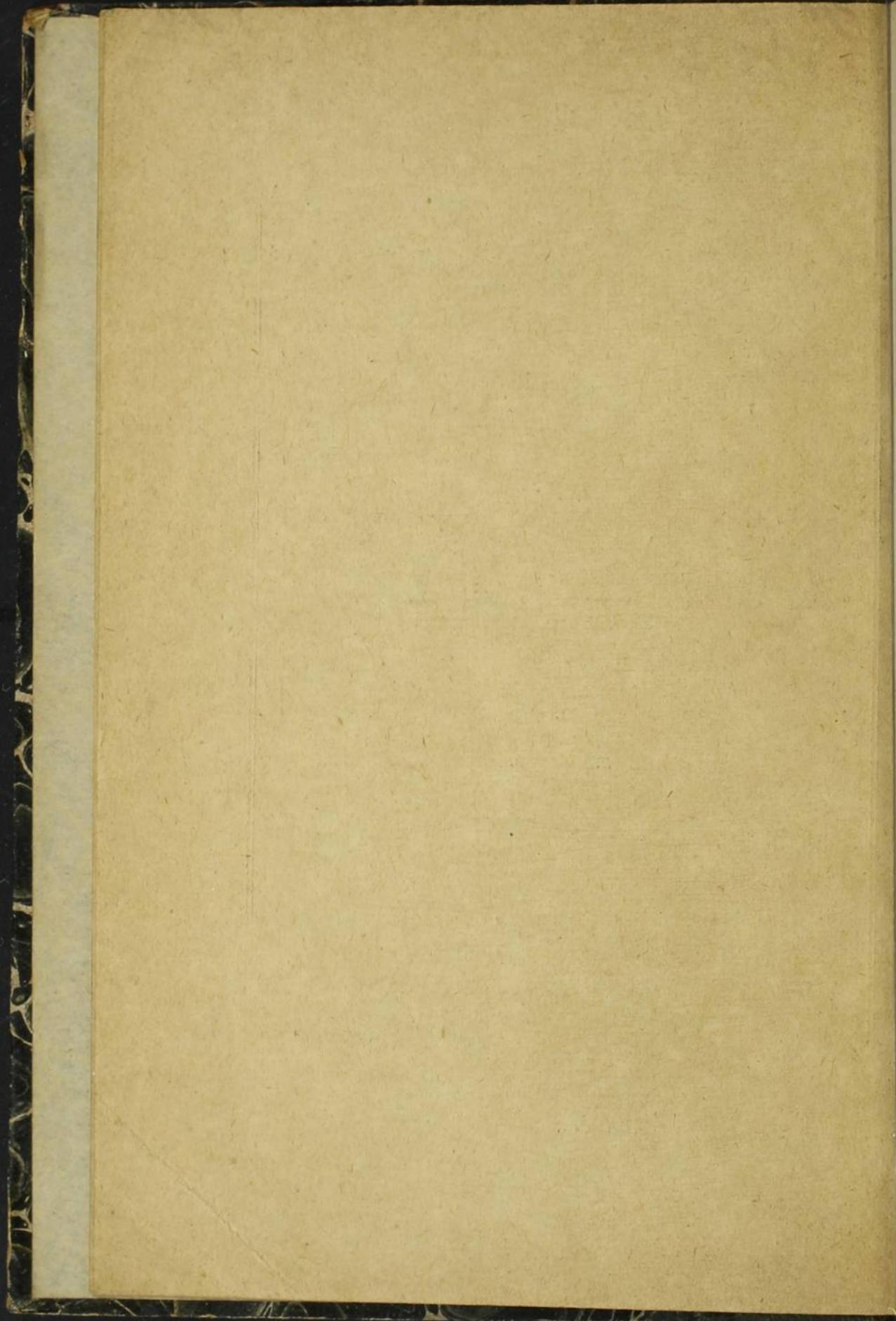
FESTAS
DO
NATAL



RIO DE JANEIRO
LIVRARIA CONTEMPORANEA

JACINTHO SILVA—LIVREIRO—EDITOR
93 — RUA DE S. JOSÉ — 93

1895



01
27-

310

T44
Rec

Luzaga

FESTAS DO NATAL



Typ.—Empreza Democratica Editora—Rua do Hospicio, 149

MELLO MORAES FILHO

COSTUMES E TRADIÇÕES DO BRAZIL

Res
FESTAS

duis Gonzaga m
DO

duis
NATAL

S. Luiz 9/16/96

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA CONTEMPORANEA
JACINTHO SILVA—LIVREIRO-EDITOR
93 — RUA DE S. JOSÉ — 93

1895

JATAM

[Faint handwritten signature or initials]

DESCRIÇÕES

100



Handwritten signature or initials, possibly 'L. B. de S.' or similar, written in dark ink.

À noite de Natal no Rio de Janeiro

Foram-se quasi os tempos em que a religião tinha n'esta terra encantos ineffaveis e suas festas os enlevos que douram os horisontes sombrios da vida.

Oh! porque arrancar dos que crêm as suas crenças hereditarias? Porque destruir o thesouro das superstições, quando ellas nos confortam o animo e nos transportam a esperança?

Despertadas do sentimento individual e da imaginação, ellas planam distantes das contingencias terrenas, embora não se asylem no mais remontado dos céos.

E quantas vezes não nos recordamos d'esse passado que nos correu descuidoso! d'essas tradições que venerámos em dias melhores e cuja lembrança conservamos até a morte!

A noite de Natal no Rio de Janeiro era a festa das crianças e das mãis; dos venturosos da sorte e do escravo, que já tinha quem lhe recolhesse as lagrimas afflictas e os gemidos sem echo na treva das senzalas.

A familia, preparada para os jubilos da igreja, associava-se pela abstracção ás venturas da Virgem Mãi, no estabulo de Bethlem, quando, embalando o seu Recem-Nascido, recebia as oblações dos pastores em tropa, que acudiam das aldeias visinhas.

N'esta capital e nos suburbios as festas do Natal eram amplas e características. E' que nem sonhavamos de pedir ao estrangeiro—no paiz das florestas—a tola e rachitica *arvore do Natal*, para symbolisar as galas de que se revestira a natureza no nascimento d'Aquelle que vinha em nome de Deus.

O contentamento reinava por toda a parte; ricos presentes destinavam-se com prodigalidade; os escravos, de roupa nova, cumpriam alegres tarefas; os presépes armados, as casas illuminadas no interior, os moveis bem espanados, os vestidos de seda estendidos sobre as camas, annunciavam a proxima festança, que começava logo ao escurecer.

A *missa do gallo* punha em revolução casas inteiras: velhas, moças, mēninos e rapazes, ninguem dormia, ninguem se occupava com outra cousa qualquer.

Certa parte da população, porém, preferia armar o throno do Menino, passar a noitada entre cantigas e dansas, visitar o presépe do Barros.

Nas freguezias e nos conventos, as pompas religiosas que iriam ter logar faziam sahir fóra dos habitos regulares as comunidades, os vigarios, o pessoal subalterno do culto. As capellas,

com uma escadaria de velas de cêra, deviam projectar grande luz no ambiente do altar-mór, todo enfeitado e acceso, em que era de rigor collocar-se o Deus-Menino, deitado e nusinho, em um leito de ouro e de pedras finas...

E uma orchestra de repiques de sinos retinia nos ares feridos pelos gritos das multidões em tumulto, que imitavam nas ruas o canto do gallo, a voz dos animaes, que, segundo a lenda, exultaram de prazer com o nascimento do Messias.

A noite de Natal, que o era tambem de liberdade e de innocentes prazeres, teve no Rio de Janeiro uma caracteristica firme, de que conservam memoria personagens authenticos.

A partir das 8 da noite de 24, quando as estrellas erguiam nas alturas as suas lampadas de diamantes, um rumor vago, indefinido e ás vezes harmonioso, circulava na cidade. Grupos precedidos por tocadores de violão e cantadores de modinhas seguiam á aventura, isolando-se em pontos variados o som de uma flauta que fazia a parte cantante, de um cavaquinho estridente, de uma guitarra afinada e de plangentes arpejos...

Ao longo das ruas, debruçadas ás janellas abertas das rotulas, muitas pessoas avistavam-se, de espaço a espaço, apreciando as dansas em casas de familias da classe proletaria, ou palmejando no fim dos lundús e modinhas, cantados, aqui e

além, pelo pardo Anselmo, o Alves, o Cunha, o Juca Cégo, o Dr. Clarimundo, o Leandro, o crioulo *Trovador*, o Zé Menino, e trinta outros menestreis populares.

Nos intervallos, os convidados iam para dentro, geralmente aos pares, os cavalheiros trocando amabilidades com as suas damas, agitando a luva de pellica, rindo dos incidentes de uma quadrilha.

Lá, a grande ceia estava preparada; e no momento dado o corredor atravancava-se, esvasiando-se de todo, logo que cada um tomava assento ás mesas extensas e por vezes emendadas.

Na maxima totalidade, as reuniões em casas terreas eram entre gente de casta, isto é, de homens e mulheres de côr, comparecendo um ou outro portuguez, personagem infallivel nos dias risonhos ou nefastos dos brazileiros em quaesquer condições.

E os *hurrahs* serviam, as saudes trocavam-se, e o pardo ou o crioulo que presidia a mesa notava-se de fóra, encasacado e de pé, orando, gesticulando, levantando o braço e suspendendo ácima da frente a taça espumante do *champagne*.

N'isso, os magotes de povo, os escravos que obtinham licença para divertir-se, sulcavam os caminhos, amotinados, imitando o cacarejar do capão de terreiro, o canto prolongado do gallo musico.

Na rua de Matacavallos, a capella do Menino-Deus agremiava innumeradas familias que, desde as Ave-Marias, a frequentavam.

Emquanto já por cerca das dez ou onze horas essas scenas se passavam, levas de gente seguiam pelo largo do Rocio, em direitura á rua dos Ciganos, que se ostentava brilhante, atravessada por cordas enfiadas de bandeiras, illuminada, coberta de folhas e flores, e animada pela banda marcial que tocava em um coreto.

Gyrandolas amiudadas subiam ao ar, e o povo, com chapéos e bengalas, desviava as flechas que sibilavam cahindo

Na rua dos Ciganos, onde são hoje os sobrados de ns. 34 e 36, tinha a sua grande marcenaria o velho portuguez Francisco José de Barros, marcenaria que occupava as cinco portas de sua vasta casa abarracada.

Nas proximidades do Natal, o estabelecimento desaparecia, por isso que o presépe installava-se na metade anterior da officina.

Durante trinta annos o velho Barros armara o seu tradicional presépe, que attrahia toda a cidade e suburbios.

O espaçoso salão, para o qual se entrava por uma unica porta lateral, era decorado sem elegancias, mas com originalidade: dos tectos viam-se anjinhos pendurados de barriga para baixo; a um lado uma especie de tribuna, em que cantavam as filhas do proprietario os versos do Natal e Reis; o logar destinado á orchestra conhecia-se por uma pequena estante de pinho, sobre a qual havia papeis de musica e velas accesas de carnaúba em ramos castiçaes de folha de Flandres.

O presépe, que formava o fundo de um lado

a outro, e que subia até o tecto, era constituido por peças que se desarticulavam á vontade, sendo as figuras, as casas, os repuxos, as fortalezas, a historia toda, feita pelo Barros, o exclusivo san-teiro, marceneiro, pintor e architecto do seu presépe de variadissimas quinquilharias.

Dizem que o motivo que levara o bom do velho a festejar com a *lapinha* o nascimento do Deus-Menino fôra um voto, uma promessa.

Até ahi não se remontaram as nossas pes-quizas.

Mas, quanto esplendor! quanto talento de artista aproveitado n'aquella obra que pasmava as crianças, entretinha devotamente a população inteira, causava assombro aos entendidos no as-sumpto!...

Nas noites de Natal, Anno Bom e Reis, a rua dos Ciganos não podia ser mais bella. As pom-pas exteriores reproduziam-se, as meninas cantavam, a musica tocava, e n'essas noites e aos domingos o presépe ficava exposto ao publico, das 6 horas á meia-noite.

E quem não se lembra do Barros! d'aquelle velho baixo e cheio do corpo, claro e rosado, de cabello á escovinha e completamente branco, de barba rapada e sem gravata, que, vestido de brim alvo e engommado, obsequiava a todos com a mesma meiguice, com o mesmo sorriso feliz e innocente?...

E aquelle operario obscuro tinha um ideal; aquelle portuguez de outros tempos amava a este paiz e as suas instituições.

A' excepção das noites em que o seu presépe só recebia a visita de escolhidas familias e do publico, as demais elle reservava a um beneficio, cujo producto entrava para a caixa da Imperial Sociedade Auxiliadora das Artes Mecanicas e Liberaes, á qual legou por sua morte um valioso predio.

Na vespera de Reis os ranchos iam cantar n'aquelle presépe as suas cantatas, diante do Menino, deitado em um berço de palhas, junto á Santa Virgem e S. José, acercado de pastores e dos reis Magos, vindos do Oriente.

E o povo atopetava a rua dos Ciganos, e duas phrases se escutavam soltas, aqui, além, mais longe: — missa do gallo; presépe do Barros.

Subindo as escadas tapetadas dos ricos e nobres, alguma cousa de elevado dominava de boa altura: o throno do Senhor-Menino nos deslumbrantes salões.

Junto a elle as mãis vinham implorar a saude para seu filho a morrer; uma irmã pedia a Jesus nascido a guia de uma estrella propicia para seu irmão em viagem; o escravo, ajoelhado, implorava ao Libertador dos captivos o dia da liberdade.

A' mediana social, entretanto, estava reservada a maior castidade, sob o ponto de vista religioso dos costumes privativos. O pequeno presépe da sala maravilhava a familia: os vizinhos e os amigos achavam-se presentes; a escravatura, contente de sua sorte, aguardava na porta da rua

ou no corredor os seus senhores, para acompanhá-los á igreja.

E um repique de sinos formava um concerto aereo como um côro de anjos, annunciando a missa da meia-noite...

As sedas farfalhavam ao leve passo das moças bonitas; o Menino-Deus em sua peanha, com seu cajadinho de ouro, prendendo um carneirinho, que pastava no monticulo, avultava de um movel de jacarandá; e as crianças, as senhoras, as moças, as crias, promptas para a igreja, murmuravam impacientes pela demora dos mais velhos...

Muitas vezes, de repente, sahindo do fundo de uma cama, como se resurgira de um tumulo, um individuo magro, coberto de cans, recalcando no peito uma tosse hectica, adiantava-se tremulo, abria o abraço, passeiava o olhar por sobre a imagem, e, risonho e feliz, contemplava por instantes a familia reunida, que era ditosa e tinha fé, no maior dia da christandade!

Esse velho era um pai ou um avô, a quem a religião emprestara n'aquelle instante a saude perdida e o vigor dos dias antigos.

E partiam...

Os alaridos acordavam os écos, as aves nocturnas libravam-se ás tontas, tangidas das torres, as familias desfilavam com o seu cortejo de negrinhas e moleques, os adros dos conventos, das parochias, dos sumptuosos templos como o Carmo, S. Francisco de Paula, Candelaria e Sa-

cramento, ficavam compactos de fieis, de devotos das missas cantadas.

Na Capella Imperial, apenas batia meia-noite, a multidão quasi que não se podia mexer no corpo da igreja; os musicos appareciam no côro, afinavam os instrumentos; as sentinellas, postadas em determinados logares, descanzavam as espingardas, cujas baionetas espelhavam aos jorros da luz.

Então, as ondas do povo afastavam-se á direita e á esquerda, offerecendo passagem ao santo bispo, que ia solemne officiar. Vestido de capa de um tecido de ouro, vergado pelos annos, com a fronte coroada de mitra, sustendo o baculo, o principe da igreja caminhava lento, precedido de monsenhores e conegos, de thuriferarios e acolytos, de sacerdotes e diaconos, com cirios accessos e cantando sagrados canticos.

E a missa de Natal celebrava-se magestosa, porque nascera o Senhor, que « seria chamado o Admiravel ».

Nas diversas igrejas, não obstante serem as pompas liturgicas menos grandiosas, não deixava de ser subido o piedoso fervor.

Em outro tempo, quanta autonomia em nossos costumes! quanta alegria intima não ia no coração d'este povo, que confiava nos seus destinos!

Mas o Rio de Janeiro, como quasi todo o Brazil, tem esquecido as suas tradições e os seus costumes. A festiva noite de Natal já não é o

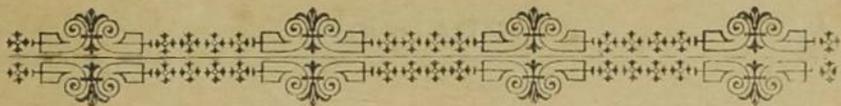
que foi; nós nos temos desfeito do nosso passado, como de um objecto inutil.

— Cuidado, barqueiro!

Não vês aquelle ponto negro no horizonte?
E' um prenuncio de tempestade.

Fujamos !...





A vespera de Reis no Norte

Durante as festas do Natal as provincias do norte ostentam-se magnificas nos folguedos mais innocentes e antigos. A tradição acatada por aquelle povo alli resplandece com os brilhos de outr'ora, embalando no sentimento mais doce os habitantes das cidades e os incultos tabaréos d'aquelles sertões povoados de seres imaginarios, de amores que plangem ao som da viola, de cantigas sempre ardentes, á sombra das jaqueiras e aos tinidos alegres das campainhas da tropa.

A herança dos velhos costumes ainda avulta como grande cabedal n'aquellas terras, com a differença, porém, propria ao character de cada provincia, e naturalmente de accordo com o predomínio exercido n'esta ou n'aquella pelos conquistadores europeus, ou pelas tribus selvagens, indianas ou africanas, que alli se foram assentando em aldêas, desbravando florestas e estabelecendo-se em varios centros.

Como ponto de partida da civilisação do norte, a Bahia domina de suas montanhas aquelles horizontes sem fim, partindo d'ella para as popu-

lações extremas o tom nacionalista, que por lá resôa nas noites encantadas do Natal e na vespera de Reis.

Na grande cidade e antiga metropole brasileira, a noite de 5 é quasi e exclusivamente consagrada aos bailes pastoris; no interior e nas demais provincias, o *Bumba-meu-boi*, as *Cheganças* e os *Côcos* deliciaem as multidões, as familias de todas as classes, que a elles assistem jubilosas, quando a chula ferve, os dançados rodopiam, as cantorias e as representações correm á porfia.

Os presépes e os bailes de pastoras, portanto, são tão especiaes á capital bahiana como o *Bumba-meu-boi* aos seus arrabaldes, aos seus sertões, ao norte em geral.

Na pluralidade das povoações mais adiantadas, os ranchos de Reis, seguindo ás Lapinhas, são communs, variando quasi sempre as cantigas, exclusão feita de algumas coplas tradicionaes e dos estribilhos uniformes.

Tomando a Bahia como a provincia typo d'esses folguedos, é preferivel fazermos n'ella se exhibirem essas scenas, que ainda lá se reproduzem como na primitiva, todos os annos, com maior ou menor esplendor, maior ou menor animação.

Como festa popular, a vespera de Reis é de uma mobilidade incrivel quanto ás variantes das cantigas, dos autos pastoris, das *Cheganças*, do *Bumba-meu-boi*. Essas variantes accentuam-se cada vez mais, á proporção que taes costumes adiantam-se para o alto norte,

Na impossibilidade de discriminal-os aqui, de levantar-lhes a physionomia local, de seguir elementos multiplos no seu modo de sentir e de exprimir emoções, lancemos mão do primeiro molde, do qual são os outros verdadeiras cópias e accommodações.

Na vespera de Reis a cidade transmuda-se de sua serenidade habitual. Bandos de moças, rapazes, ranchos de mulatas e crioulas, ao fogo dos archotes, á musica de violões, violas, pandeiros, castanholas etc., enchem as ruas, entornando em sua passagem deliciosa harmonia.

Esses bandos, esses ranchos vestidos de pastoras e pastores, ou demandam a Lapinha, onde um grande presépe, com figuras de tamanho natural, os espera, ou vão a differentes casas, para as quaes receberam convites, *tirar Reis*, banquear-se, tomar parte nos bailes pastoris, seguindo alguns sem destino, sem rumo certo.

Embora as casas estejam com as janellas abertas, illuminadas as salas, e as musicas se façam ouvir, nenhuma das que esperam os Reis tem a porta aberta, por isso que as cantatas devem começar fóra. A's vezes, diante dos lindos presépes, as pastorinhas dialogam, o drama vai em meio, quando de subito, ao chocalhar dos pandeiros, ao som das flautas, escuta-se da rua, apinhada de povo :

O' de casa, nobre gente,
Escutai e ouvireis,

Lá das bandas do Oriente
São chegados os tres Reis.

Gaspar, Melchior, Balthazar
Vieram lá do Oriente
Adorar o Deus Menino,
A Jesus omnipotente.

O primeiro trouxe ouro,
Para o seu throno dourar ;
O segundo trouxe incenso,
Para o Menino incensar ;
O terceiro trouxe mirrha,
Por saber qu'era immortal...

Abri a porta,
Se quereis abrir,
Que somos de longe,
Queremos nos ir.

Os moradores, os convidados, para ouvil-os,
não dão pressa a que a porta se abra, motivando
a tardança outras quadras :

Acordai, se estais dormindo,
Deste somno em que estais,
Pois em noite tão ditosa
E' bom que vós não durmais.

Esta casa é mui bem feita,
Por dentro, por fóra não :
Por dentro cravos e rosas,
Por fóra mangericão.

O' senhor dono da casa,
Ramo de alecrim maior,
A sua sombra nos cobre,
Quer chova, quer faça sol.

O' senhor dono da casa,
Foi homem que Deus pintou,
Metta a mão nas algibeiras,
Pague já quem o louvou.

Ora deem,
Se têm o que dar,
Que somos de longe,
Queremos andar!

E a porta abre-se, os tinidos dos pandeiros fervilham, e os ranchos, olhando para o presépe, para as pastoras, que o guarnecem, para o todo da festa, entram cantando, tocando e dansando :

Se eu soubesse
Que havia função,
Trazia mulatas
Do meu coração...

Para aproveitarem a noite, a demora não é longa, succedendo a um rancho, n'uma casa, muitos outros ranchos.

Os bailes, que não são verdadeiramente bai-les, porém autos, occupam interessantes as horas das familias, prolongando-se até de manhã.

N'esses dramas de pastores em adoração a Jesus Nascido, as reminiscencias de seus conge-

neres da idade média são palpitantes, notando-se n'estes, como n'aquelles, os disparates mais risíveis. N'este numero estão os bailes da *Liberdade*, de *Elmano*, e o de *Cupido*, em que o sagrado caminha de mãos dadas com o profano, como, por exemplo :

Quebrei as settas
Do deus Cupido ;
Fugiu raivoso
De mim vencido,

inconciliavel com a seguinte quadra, embebida de suave unção religiosa :

Gloria in excelsis Deo—
Cantamos ao Deus Menino,
Que por nosso amor se fez
Humano, sendo divino.

E os ranchos vão á Lapinha, cantam ás portas e nas casas ; os presépes deliciam com os seus bailes, ao mesmo tempo que as *Cheganças*, os *Cócos*, os *Cucumbys* e o *Bumba-meu-boi*, alcançam triumphos, conquistam applausos em outros circulos.

Sem nexo, como os autos pastoris, sem entreccho, sem enredo que interesse, as *Cheganças* participam da fórma dramatica, perfazem curtas scenas, impressionando mais vivamente o auditorio pelo movimento da acção, mais curta, mais rapida.

Os personagens, vestidos a character, como n'aquelles, enthusiasmam o povo, apenas apparecem, apenas o primeiro começa o seu papel.

As *Cheganças* são geralmente executadas ao ar livre, isto é, n'um tablado junto a uma igreja, de preferencia a matriz.

Sendo sempre esses templos em um largo, desde a vespera do Natal o decoram com bandeiras, galhardetes, arcos de folhas verdes etc.; e na vespera de Reis illuminam exteriormente a igreja com copinhos de côres e lanternas, esclarecendo o ar escuro da praça as chammas das *cabeças de alcatrão*, dos fogaréos, que ardem aqui e além.

Diante do referido tablado, do tosco scenario de taboas de pinho, com frontão alto de lona pintada, installa-se a orchestra composta de tocadores de ouvido, que arpam as suas guitarras e violas, seus violões e cavaquinhos, fazendo a parte cantante um piston, uma rabeca, uma flauta ou uma clarineta.

Nas povoações mais desenvolvidas relativamente ao seu commercio com a capital, e nas freguezias suburbanas, é sempre contractada para essas festas, para esses dias, uma musica de barbeiros, que ainda não desapareceu de todo nas provincias do norte. A musica da Chapada na Bahia comprova o expellido.

Por occasião d'esses espectaculos populares, o largo regorgita do que ha de mais escolhido no logar, de tabareos e tabarôas, que vêm de longe para a elles assistir.

Para darmos uma idéa dessas peças, constituídas por poucas scenas, tomemos de emprestimo aos *Cantos populares do Brazil*, do nosso

erudito amigo e fecundo escriptor Sylvio Romero, a *Chegança dos Marujos*.

Por taes versos póde-se bem aquilatar desse producto de poesia bardica, embryonaria, é verdade, mas insupprível por qualquer outra de poeta letrado. Eis um trecho :

TODOS, *entrando*.

Entremos por esta nobre casa,
Alegres louvores cantando,
Louvores á Virgem Pura,
Graças a Deus Soberano.

CONTRA-MESTRE

Olhem como vem brilhando
Esta nobre infantaria !
Saltemos do mar para terra,
Ai, ai !... festejar este dia...
.....

CAPITÃO

Sóbe, sóbe, meu gageiro,
Meu gageirinho real ;
Olha para a estrella do norte,
Oh tolina !
Para poder nos guiar.

CONTRA-MESTRE

Virar, virar, camaradas,
Virar com grande alegria,
Para ver se alcançamos
A cidade da Bahia.

Os versos são cantados, a representação é como nos theatros, ha danças balançadas, fingindo o jogo de bordo, até que o Marujo, o Capitão, o Contra-Mestre, o Piloto e mais interlocutores, retiram-se cantando, entre muitas cantigas, a seguinte :

Quando Deus formou o navio
Com seu letreiro na pôpa,
Tambem formou o marujo
Com seu charuto na bocca.

Quando me for desta terra
Tres cousas quero pedir :
Uma é o mal de amores,
P'ra quando tornar a vir.

E sahindo, aos sons das violas e pandeiros, entram em varias casas, improvisando quadras, cantando, bailando.

Na vespera de Reis os *Cócos* tiram-se e dançam-se em todo o norte. Os matutos e os escravos formavam roda, e, sós ou aos pares, batiam palmas certas, com precisão e entusiasmo, e descantavam. Um tirava o *cóco* e os outros respondiam com o estribilho :

O CANTADOR

Na palma da tua mão
Dei um beijo certo dia,
E vim com a bocca cheirando
A *fulô* de melancia.

CÔRO

Aniba, aniba, siri-ganguê,
 Cajueiro, cajuá ;
 Aniba, aniba, siri-ganguê,
 Quero *vê* minha yayá.

O CANTADOR

Vamos *vê* plantar vassoura,
 Minha yayá,
 Vassourinha de botão,
 Minha yayá,
 Ao *redó* de sua saia,
 Minha yayá,
 Ao *redó* de seu balão...

Conjunctamente com as demais folias das noites de Reis, o *Bumba-meu-boi*, mascarada burlesca, percorre as ruas, dansa nas casas, faz evoluções nos terreiros, variando, de provincia para provincia, no modo de trajar, nos versos que formam os autos, não obstante conservarem estes os personagens classicos, as figuras capitaes.

Note-se, porém, que parte são de occasião, o que significa um esforço da imaginação popular.

Na Bahia, especialmente na cidade, a *Burriinha*, os *Cucumbys*, a *Caiporinha* e o *Cavallo Marinho*, são mais communs, sendo o *Bumba-meu-boi* divertimento mais em voga nos arrabaldes, nos sertões, no norte todo.

N'aquella capital preferem-se as cantatas ambulantes, os bailes pastoris, os presépes.

Estamos nas Alagôas

A uns vinte e cinco minutos da cidade velha demora a antiga aldêa Taperaguá, que vem banhar as plantas na lagôa plana e transparente. N'esta povoação as casas são baixas, de telha vã ou de sapé. Os que ahí moram são na generalidade pobres pescadores.

E' costume das familias da capital abandonar suas casas e, em companhia de outras, ir passar a festa, desde o dia 25 até 6 de Janeiro, á beira d'essas aguas.

Toda a lagôa Manguaba, que é lindissima, é povoada, e durante esse tempo torna-se encantadora. Desde o trapiche da Barra, Pontal, Remedios, Bocca da Caixa, Volta d'Agua, Santa Rita etc., vêm-se arcos, bandeiras e barracas pelo caminho; rapazes e mulheres, crianças e velhos passeiam na lagôa em balsas, ajoujos embandeirados, soltando foguetes e tocando musicas caracteristicas da provincia.

A' noite muita gente vai ver o *Bumba-meu-boi* em differentes casas, ruas e largos.

N'aquellas paragens o auto do *Bumba* tem uma quantidade enfadonha de personagens de enxerto, tornando-se por isso mais curioso.

Ao todo existem : o Boi, o Tio Matheus, Catharina, o Doutor, o Toiará (individuo exquisito e vestido de folhas), o Morto-e-Vivo, Zabelinha, o Mané Pequenino, o Perna-de-pau, o Urucury (filho de Matheus), o Capitão do Matto, um Rei Mouro e um Rei Christão.

Este rancho é precedido de tocadores de viola, com seus instrumentos enfeitados de fitas, vestindo cada figurante seus trajes especiaes, de harmonia com os papeis que inculcam desempenhar.

A cantoria rompe na frente, o Boi dá pino-tes, a molecada acompanha, até que, parando á porta de uma casa, os foliões cantam :

TODOS

O' de casa, ó de fóra,
Mangerona é quem está ahi, (*bis*)
E' o cravo, é a rosa,
E' flor do bogari. (*bis*)

Aqui stou em vossa porta
Com figura de raposa ;
Eu não venho pedir nada,
Mas o dar é grande cousa.

E a porta abre-se e o rancho canta de dentro :

TODOS

Entremos nas torres,
Jardim de *fulô*,
Que o nascimento
E' do *Redemptô*.
Nós somos soldados,
Viemos da guerra ;
Costa com costa,
Joelhos em terra.

N'esse momento, o Boi, conduzido por Matheus, arremette, dá chifradas, espalha a meninada, e canta :

Chegou, chegou,
O ! chegou meu boi agora ;
Se *quizé* qu'eu danse, eu danso ;
Se não *qué*, eu vou-me embora.

Matheus, que toca na viola, senta-se no chão, depois levanta-se, entôa o primeiro dos versos seguintes, fazendo còro os mais personagens :

Trago, trago o meu boi,
Eh ! bumba !
O meu boi *fulô*,
Eh ! bumba !
Este boi é bonito,
Eh ! bumba ! etc.

O Perna-de-pau sóbe nas andas, o Morto-e-Vivo endireita uma fôrma de Judas de panno, que traz amarrado na barriga, e o Mané Pequeninino, que vem escondido n'uma especie de mortalha, que tambem encobre um bambú ao longo do qual desce e sóbe uma urupema, formando uma cabeça disforme, canta, pondo em acção os seus dizeres :

MANÉ PEQUENINO

O' Mané Pequeninino !
O' Mané *grandaião* !
Se *quizé* que elle cresça,
E' puxar-lhe os *cordão*...

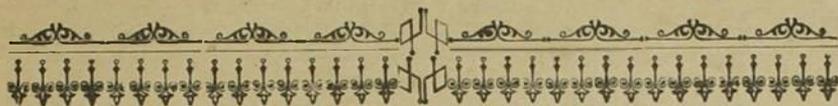
E essas scenas são seguidas de uma infinidade de outras, findando o auto pelo *ajuda* no Boi, e por este verso, cantado pelo rancho:

TODOS

Bateu aza, cantou o gallo,
Quando o Salvador nasceu;
Cantam anjos nas alturas
Gloria in excelsis Deo.

As festas do Natal na Bahia, nas Alagôas, no norte em geral, divertem o povo, que sente reviver a patria antiga nos dias modernos.





O reisado da Cacheada

Nas provincias do norte a vespera de Reis ainda desperta as alegrias populares, ainda se colora dos reflexos irisados dos dias coloniaes.

E foi da Bahia, da velha metropole da civilização brasileira, que esses costumes portuguezes, modificados, transformados pela adaptação, estenderam-se até o alto norte, variando, entretanto, segundo as condições do clima e do meio.

No Ceará, por exemplo, e no Piauhy, as festas publicas do Natal vão pouco além do *Bumba-meu-boi*, e isso explica-se pela natureza do solo rico de pastagens, abundante de gado, sulcado em varias direcções por vaqueiros e rapazes da guia, cantando as suas canções á frente das boiadas nedias e apathicas.

Na Bahia, porém, no Maranhão, em Sergipe, nas Alagôas etc, não obstante o Boi representar nos autos, outras distrações mais caracterizam a festiva noite, bem como os *briles pastoris*, as *pastorinhas*, as *cheganças*, os *fandangos* e os *reisados*.

E que são os *reisados* ?

Representações mais ou menos espalhafatas, de personagens cada qual mais bizarro, mais exquisito, tendo para acompanhar-lhes os dialogos, as cantatas, as chulas, uma orchestra de pandeiros, violas, rabecas, violões, flautas, tambores etc.

Dramas allusivos ao Natal, o fundo religioso e tradicional não desaparece nas manifestações curiosas das figuras, da mascarada geral, que, a começar da noite do Natal, exhibe-se festiva até o carnaval.

Não sendo na Bahia, inutil seria procurar mais longe os ranchos garridos da vespera de Reis percorrendo as ruas, tocando e cantando em ruidosas serenatas, á porta das casas, em busca da Lapinha.

E' que para as demais provincias não foram feitas aquellas crioulas magnificas, aquellas mulatas formosas, que, á luz dos archotes, revirando os pandeiros, batendo as castanholas, entoando quadras populares, assemelham-se, nas formas correctas, ás bayaderas de Siva nas rondas phantasticas dos *pagodes*.

Isto posto, passemos adiante. Observemos em espirito um *reisado*, commum em todo o norte e desconhecido no sul.

Para receber os foliões, armam-se nas casas bonitos presépes; os donos convidam parentes, amigos e vizinhos, preparam ceias abundantissimas.

Os ranchos mandam para isso esperado aviso, dando preferencia ás casas ricas, onde recebem

avultadas gorgetas, ou ás vivendas dos senhores de engenho, que os acolhem com fidalguia e grandeza,

Aqui ou ali, porém, os estylos dos *reisados* são identicos, a uniformidade da pragmatica é respeitada como na primitiva.

Na vepera de Reis é que o divertimento toca ao seu apogêo, sendo multiplos esses autos, com personagens obrigados ou de improviso.

Adornadas de flores, sonoras dos echos das modinhas ou do alvoroço do jogo de *prendas*, com o presépe a destacar-se verdejante e profundo, as casas em festa conservam-se abertas, jorrandando das janellas cascatas de luz.

Eis senão quando, um individuo vestido de couro, trazendo perneiras e chapeo desabado, suspendendo no ar uma vara coberta de laços de fita, approximando-se em disparada, grita mais perto:

— Eh! Boi!...

E' o Vaqueiro. A esse aviso a porta da rua fecha-se, no *reisado* os archotes descrevem no ar circulos de fogo, os instrumentos afinam-se, e as cantadeiras de Reis, vestidas de branco, de chapelinhas com capellas de flores e longas fitas vistosas, param e cantam, á cadencia das musicas populares :

Bemdito, louvado seja,
O Menino Deus nascido,
Que no ventre de Maria
Steve por nós escondido.

Ha tres dias que eu ando
 Procurando sem achar,
 Mas fui dar com elle em Roma
 Vestidinho n'um altar.

Abram a porta,
 Se têm de abrir,
 Que somos de longe,
 Queremos nos ir.

Dous de lá,
 Dous de cá,
 Mariquinhas no meio
 Não pôde *sambá* !...

Interrompendo o trovar das cantadeiras, o Vaqueiro chama de vez em quando por seu Boi, findando esta primeira parte por uma chula peneirada, sapateada, lasciva, até que a porta se abre, começando em seguida o *reisado*.

O que lhe dá o nome é a figura capital. Não obstante os motivos e a diversidade dos interlocutores, a norma é só uma, emquanto á precedencia dos figurantes na sala do presépe.

Assim, nem todos entram de vez, a um tempo.

Depois do estrebilho do *bemdito*, de um fado *rasgado* á porta da *nobre gente*, uma figura enorme, com trajos de mulher, abanando com os braços, como que se isola no meio de outras que a rodeiam com os *bichos*, personagens secundarios, que saracoteam nos dansados e raramente dialogam.

— Eh! Boi!..

E a Cacheada entra, apenas abre-se a porta, ao tom da musica, sendo acompanhada pelo Rei, o Caboclo, o Madú, a Maria Thereza, a Lavadeira, etc., ao passo que a Cambrinha, o Engenho, a Cobrinha Verde, o Vaqueiro e o Boi esperam na rua que sejam chamados a participar da folia.

Ensaidados a instrumentação e o canto, os circumstantes afastam-se na sala, fazem alas; a Cacheada remexe-se na sua saia vermelha; o Rei dirige-se a uma cadeira, onde senta-se, e o *reisado* todo, finalmente, entôa :

Quando nesta casa entrei
Toda cheia de alegria,
Da cepa nasceu o ramo,
Do ramo nasceu a flor,
E da flor nasceu Maria,
Mãi do nosso Redemptor.

E gracioso bailado executa-se, indo as pessoas que formam a contradansa para uma sala reservada.

A Cacheada, que é uma bailadeira provectora, representa igualmente de Secretario do Rei nessa scena original e patusca.

REI

Meu Secretario de sala bem formada !

CACHEADA

Prompta, meu Rei, para obedecer.

REI

Não dansas mais ?

CACHEADA

Se meu Rei mandar, saberei *forgá*.

REI

Então fazes uma dança bem feita, para alegrar o coração do dono da casa, que está *pinim pinim*, como a mandioca lavada em sete aguas.

CACHEADA

Tafúla ?

REI

Bula com elle, meu Secretario.

O Secretario executa o mando do Rei e canta, acompanhado do coro :

Maria tem uma saia
Das pennas d'um gavião,
Que lhe deu um sertanejo
Quando veio do sertão.

CÓRO

Ai! leva arriba,
Meu bem, leva abaixo ;
De ponta de pé,
E de *carcanhá*.

CACHEADA

Maria tem uma saia
Das pennas d'um urubú,
Que lhe deu um sertanejo
Quando veio do gerú.

O côro repete o estribilho. os diversos personagens desempenham depois seus papeis, um momento havendo em que a Cacheada e a Maria Thereza occupam a attenção do publico, dialogando em verso cantado, sahindo por essa occasião o grupo de dansadores occultos desde o principio.

CACHEADA

O' Maria Thereza,
Toma lá teus pedaços!...
Todo o mundo tomou,
E não teve embaraços...

MARIA THEREZA

Embaraços que tive
Foi na porta da rua...
E rasgaram-me toda,
E deixaram-me núa...

As dansas castanholadas fervem e refervem estrepitosas, vindo a Cevadeira com a sua machina de ralar mandioca, cantando :

Meu marido me largou,
Pensando que eu não sabia

Ralar minha mandioca
P'ra fazer minha farinha.

CÔRO

Anda a roda, menina,
Ella está já rodando;
A farinha está secca
E o fubá vai voando.

Aqui o Rei dá ordem que chamem os *bichos*: o Vaqueiro traz o Boi; a animação é crescente: a roda forma-se extensa; e depois das evoluções do Boi e do Vaqueiro, das piruetas e graçolas do Caboclo, a chula ou a contradansa executa-se, ao canto da seguinte trova:

Todo o homem que não dá
Uma saia p'ra o *Natá*,
Ou é muito preguiçoso
Ou não sabe *trabaid*.

Os espectadores riem-se, palmejam, dão bravos ao engraçado e tradicional divertimento, sendo de novo organizada a contradansa ou a chula, para darem a despedida.

TODOS

Vamos dar a despedida
Como deu a saracura;
Bateu azas, foi-se embora,
Coisa boa não atura.

Vamos dar a despedida
Como deu o bacuráu ;
Deu um passo na lagôa,
Outro no toco do páu.

Findos os cantos e dansas, cada figura salta á frente, peneira um fadinho, atira o lenço para receber a esportula, e o *reisado* ou compartilha da ceia ou parte em demanda de outras casas, de outros engenhos.

O signal, porém, da conclusão da festança é transmittido pelo Rei, ao que em côro prorompem os figurantes, marchando e cantando :

Retirada, meu bem, retirada,
Acabou-se a nossa funcção ;
Já não temos mais alegria,
Nem tão pouco consolação.

O *reisado da Cacheada*, um dos mais afamados em todo o norte, prolonga-se, repleto de imprevitos, por duas horas e mais, sempre agradável e extravagante.

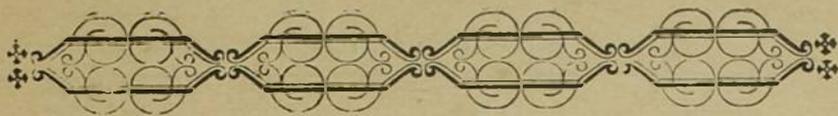


POESIA BARDICA

— BAILES PASTORIS —

FOR THE HARBOR

BALLET PASTOR



Baile das Quatro Partes do Mundo

SAHE EUROPA (*cantando.*)

Eu venho adorar contente
Ao Menino Deus nascido,
Sacrificar o meu peito
Aos seus amores rendido.

LÒA

Europa toda vos rende
As grandezas que em si tem,
Pois só a Vós reconhece
Ser um Deus e Summo Bem.

SAHE AFRICA (*cantando.*)

Como Senhora do Universo,
Vos tributo humilhação,
As potencias de minha alma,
De todo meu coração.

LÒA

Africa, terror do mundo,
Soberba e vangloriosa,
Para adorar ao Messias
E' humilde, é amorosa.

SAHE AMERICA (*cantando.*)

Com profunda adoração
 Visitar venho ao Messias,
 Filho do Eterno Padre
 E da bemdita Maria.

LÔA

As bellas preciosidades
 Que em si a America cria,
 Todas vos entrego, Senhor,
 Com grandeza e bizarria.

SAHE ASIA (*cantando.*)

Com humilde reverencia
 Os pés te venho beijar ;
 A minha alma e o meu corpo
 Nas tuas mãos entregar.

LÔA

Asia fiel te offerece
 Todos os seus cabedaes,
 E maior offerta faria
 Se possuisse inda mais.

FALLA EUROPA

Asia, que imprudencia é essa,
 Pareces mui temeraria !

ASIA

Este lugar me pertence,
 Procura parte contraria.

EUROPA

Asia, teme o meu furor.

ASIA

Asia nunca temeu.

EUROPA

Vê bem que as tuas cidades
Europa já as venceu.

ASIA

Não digas que é vencimento
Pois as roubaste á traição.

EUROPA

Comtigo não mais disputo :
Dá-me o lugar, ou não ?

ASIA

Não dou o lugar que é meu.

EUROPA

E' bem que Europa
Seja no mundo conhecida,
As maiores partes delle
Por mim já foram vencidas.

AMERICA

O desafio me toca,
Pois agora me offendeste ;
O que America domina,
Tu, cruel, nunca venceste.

AFRICA

As cidades Africanas
Nunca tu as dominaste,
Se tens alguma, agradece
A falsidade que obraste.

ASIA

Vêde, que Europa cruel
Aqui me veio affrontar ;
E eu não saio de Belem
Sem minha injuria vingar.

EUROPA

Se queres brigar comigo
A pé firme já te espero.

ASIA

De Europa, America e Africa
Sei tirar meu rigor féro.

AFRICA

Oh ! Asia, mais que atrevida,
Não sejas tão petulante ;
Repara que o teu arrojo
Hei de abater neste instanté.
Todo o mundo me conhece
Por Africa destemida ;
E ninguem ha de dizer
Que á seus pés me viu vencida :
Por brazão de minha gloria,

Sou tambem filha do sol ;
Sou senhora dos Turbantes,
Dos Leões, dos Elephantes :
Só quando eu vibro o ferro
Sou pela fama espalhada.
Eu domino no mundo inteiro,
Mil Africanos armados
Verás em roda de mim :
Sou capaz de reduzir
Em cinza, pó, terra e nada,
Europa, America e Asia.

AMERICA

Não temo os teus Africanos,
Muito menos teus furores ;
Pois tenho para aterrar-te
Metaes de diversas cores:
Eu piso em minas de ouro,
Pedrarias e diamantes,
Para aterrar e comprar
Os teus soberbós Turbantes :
Arcos, flexas, tudo tenho
Já, para o vosso castigo,
Pois com a minha riqueza
Trago o que quero comigo.

EUROPA

Do mundo, os homens maiores
De Europa são descendentes,
Os abôrtos das Sciencias,
Os guerreiros mais valentes.

Todas as partes do mundo
Os Europeus descobriram ;
Lhes custou as proprias vidas,
Mas victoria conseguiram.

AMERICA

Mas quando Europa despede
Os seus filhos com rigor,
Em America vem achar
Mimo, doçura e amor.

AFRICA

Mas quando Europa e America
Os degrada lastimosos,
Encontram n'Africa o amparo,
Por ser mãe dos criminosos.

ASIA

Asia, sou a grande Asia
Da sagrada terra feliz,
Abençoada por Deus Padre,
Abençoado terreno
Onde Deus foi collocado ;
Onde Deus formou o homem,
Causa do nosso peccado :
Asia, como a mais antiga
Tem o primeiro lugar,
Pois as grandes maravilhas
Só Deus n'Asia quiz obrar.

SAHE O TEMPO *e falla* :

N'aquella parte escondido
Estive ouvindo o vosso enfado ;
Asia tem muita razão
No seu fallar acertado.

A Asia venerem todos
Com respeito o mais profundo,
Por ser ella feliz patria
Onde Deus baixou ao mundo.

EUROPA, AMERICA E AFRICA

Quem és tu, meu velho honrado,
Que tanto a Asia defendes ?

TEMPO

Sou o Tempo estragador ;
Creio que agora me entendes.

TODOS

O que for do vosso gosto,
Sujeito á vossa vontade ;
Promptas estamos, haja pois
União e amizade :

Agora formemos baile
Das Quatro Partes do Mundo.

TEMPO

Eu alacaiando nelle,
Serei o Tempo jucundo.

TODOS

Com prazer, com alegria.
E todos com voz sonóra,
Tributem hymnos á Jesus
E á Virgem Nossa Senhora.

CANTA O TEMPO

Reconheço a Vós
Ao Deus das Alturas,
Senhor do Universo
E das creaturas.

Repetem todos o mesmo.

CANTA EUROPA E ASIA

Rei Divino, as duas partes
Que são amantes, do mundo,
Humildes vos vem render
Acatamento profundo.

Reconheço a Vós, etc.

CANTA AMERICA E AFRICA

Estas duas tambem querem
Adorar com humildade,
Pois sois Segunda Pessoa
Da Santissima Trindade.

Reconheço a Vós, etc.

CANTA O TEMPO

Eu como o Tempo, que sou,
Me prostro mais reverente,
Pois nasceste neste mundo
Para salvação da gente.

Reconheço a Vós, etc.





Baile do Meirinho

SAHE A 1ª PASTORA *e canta:*

As flores mimosas
De muitos primores.

CANTA O SOLDADO

Venha cá, menina,
Seja meus amores.

FAILA O SOLDADO

Adorada senhora,
Eu que com balas ardentes dos meus olhos,
Empregando nas trincheiras do teu peito,
Communicar desejo o que sinto n'este peito :
Mas, para em tudo ficar bem satisfeito,
Eu, que rompendo o batalhão dos teus affectos,
Marchando em columna dos teus carinhos
Desejo que agora tenhas dó de um coitadinho...

PASTORA

Meu senhor, não é preciso
Que com uma pobre pastora
Rompa tantos embaraços,
Pois que nisso sou uma tola ;

Eu só o que quero é vêr
Se por aqui querem chegar,
Alguns moços chibantinhos
Que queiram flores comprar.

SOLDADO

Pois, menina, são flores
Que você está vendendo?
Olha que bello tópe!
Já comprar estou querendo.
Pois mettendo neste peito
Hei de ficar florecido:
Oh! que bello! estou bonito!
Sempre sou mui destimido.

PASTORA

Camarada, deite as flores onde achou,
Não vá no peito as mettendo,
Se quizer servir-se dellas,
Venha o dinheiro correndo.

SOLDADO

Pois, menina, pretendes
De mim receber dinheiro?
Olha que deste effeito
Tenho muito de ligeiro;
Se quizer em paga disso
Alguns affectos corujos,
Algumas paixões bandalhas,
Inda bem: mas dinheiro?...
Não o tenho para lhe dar,
E se tivesse, com você hia gastar,

PASTORA

Camarada deite as flores
Onde vosmincê achou;
Prometto que da sua vista
De repente já me vou.

SOLDADO

Se quiser as suas flores
Ha de primeiro cantar
Um duetinho de amor,
Que lhe quero acompanhar.

PASTORA

Meu senhor, não sei cantar,
Deixe-me por vida sua,
Deixe já as minhas flores
Que eu prometto não ser sua.

SOLDADO

Tome lá as suas flores,
Veja que estava brincando;
Não pense que as queria,
Pois estava chalaçando.

Não precisa se enfadar,
Seja minha eternamente,
Que eu lhe prometto ser
Sempre firme e obediente.

PASTORA

Obrigada, meu senhor.

SAHE A 2.^a PASTORA *e canta*:

As bellas fructinhas
Faz bom paladar.

CANTA O ESTUDANTE

Venha cá menina,
Que as juro comprar.

FALLA O ESTUDANTE

Adorada senhora, o alphabeto do teu peito
Unindo-se aos volumes de minh'alma,
Faz com que a Universidade do teu corpo
Viva abrazada em duas chammas.
Eu que revendo os livros das razões,
Segundo a confusão do teu querer,
Achei na prosodia dos teus olhos
Um amor que não posso entender.

PASTORA

Se com prosas, senhor Escolastico,
E' que me pretende apanhar,
Peço que se desmagine,
E me deixe negociar:
Pois foi para o que vim,
E não para conversar.

ESTUDANTE

Pois, menina, não se inflamme,
Não fuja do meu querer;
Veja que estou prompto
Para em tudo a obedecer.

As fructas que estás vendendo
Compral-as todas já quero ;
Deixe-me ver o bom gosto,
E pelo preço, eu espero.

PASIORA

As minhas ricas maçãs
São doces, e muito bellas ;
As uvas tambem são doces,
Olhe aqui bem para ellas !

As maçãs, a tres por dous,
E' por quanto estou vendendo :
Veja se lhe fazem conta
E venha o dinheiro correndo.

ESTUDANTE

Sim senhora, muito bem,
Deixe proval-as primeiro ;
Se forem do meu agrado,
Darei então o dinheiro.

PASTORA

Proval-as ! não sou eu tola
Para que em tal cousa caia :
Vá ao terreiro do Paço
Com outra tirar alfaia.

SAHE A REGATEIRA *e canta :*

Os bellos gorazes,
Eu estou vendendo :

CANTA O MEIRINHO

Bella Regateira,
Por ti estou morrendo.

FALLA O MEIRINHO

Bellissima senhora,
O praso da notificação dos teus colloquio ..
E' provada causa dos queixumes;
Eis-me sentenciado como réo
Dos teus affectos, mimos e ciumes.

FALLA A REGATEIRA

Meu senhor, de justiça nada entendo;
Nunca papeis procurei;
E penso que alguns recados
Tambem nunca os levei:
E assim vá-se andando,
Não me venhas empatar,
Deixe-me com os meus peixes
Hoje aqui negociar.

MEIRINHO

A mim não das audiencia,
Desconheces meu poder?
Não sabes que tenho ordem
Hoje aqui para prender?

REGATEIRA

Prender-me!
Vá-se d'aqui mandrião;
Vá ver alguma tola,
Que você lhe passe a mão;

Diga-me porque razão,
Quer-me você prender?
Se é pelos seus carinhos...
Não os quero receber.

MEIRINHO

E é pouco crime?

SAHE A PADEIRA *e canta* :

Eu como padeira
Pães estou vendendo :

CANTA O MARUJO

Trabalhos, meu bem,
Por ti estou soffrendo.

FALLA O MARUJO

Ai! ai! querida prenda!
Mal deitei o oitante nos teus olhos,
E na tua grammatica belleza,
Lancei mão pelas ensalças,
Subi com grande destreza.

FALLA A PADEIRA

O' lá, senhor navegante,
Suas supplicas não entendo :
Se quer comprar os meus pães,
Já, com gosto, vou vendendo.

O MARUJO DANSA, *cantando* :

No mar de tua belleza,
Navega meu coração ;
O' senhora, pela vida,
Tenha de mim compaixão.

O MARUJO PARA O MEIRINHO

E você, senhor bigorriha,
O que quer desta menina ?

O MEIRINHO PARA O MARUJO

Prendel-a, e a quem não tem licença,
Pois esta é a minha officina.

A PADEIRA PARA O MEIRINHO

Pois tambem me quer prender ?

MEIRINHO

Não só a você, como as outras
Ordem tenho para o fazer :
Conduzil-as todas juntas,
E na cadeia as metter.

A' ordem aqui está presente,
Que me deu o meu juiz :
Pois fiquei muito contente,
Foi isto mesmo o que eu quiz.

TODOS

Leia-nos esta ordem, que queremos ouvir.

MEIRINHO

Sim, senhores, leio-a já.

Lê o Meirinho a ordem.

Christovão da Costa Guadeiro,
Doutor, Juiz d'este Bairro,
Commandante das vendeiras
Desta ribeira do Carro :
A' quem Deus guarde, etc., etc., etc.

Ordeno ao meu official,
Meirinho da minha inspecção,
Que em toda mulher vendeira,
N'ella logo passe a mão:

Se acaso tiver licença
Deve ser distribuida,
E pelo tabellião
Deve ser reconhecida.

Será todo o seu prazo
Pagar a condemnação
E varias outras cousas,
E depois sahirá então.

Ribeira do Carro, 25 de Dezembro de 1862.

Visto a ordem que tenho,
Heide já executar;
E me porei de alcateia
Para a todas condemnar.

O ESTUDANTE PARA O MEIRINHO.

E quanto ganha você
Por esta sua execução?

MEIRINHO

Uma pataca, em cada uma,
De passar a certidão.

ESTUDANTE

Pela menina das fructas
Hei de pagar-lhe o trabalho;
Escusado é pois prendel-a,
E dar-se-á tão grande abalo.

SOLDADO

Pela menina das flores
Não pago, nem tenho tenção;
Nem o senhor official
N'ella ha de pôr a mão.

MEIRINHO

Isto é por valentia ?

SOLDADO

E' porque muito confio
Nesta sua bizzarria.

MARUJO

Cá sobre este meu bote
Você não ha de embarcar,
Quando não, no espinhaço
A faca lhe hei de cravar.

MEIRINHO

Pois com armas prohibidas
Me quer agora atacar ?

MARUJO

Cá comigo não sei :
Gosto pouco de fallar.

MEIRINHO

Pois com a minha Regateira
Eu me hei de despicar ;
Ella ha de ser a primeira,
Que á cadeia hei de levar :

Já que é tão valentona,
E não me quer por amante,
Ora venha para a cadêa,
Já e já, neste instante.

REGATEIRA

Senhor official, tanta tyrannia,
Pretende comigo usar ?

MEIRINHO

Usarei, e hei de usar.

1^a PASTORA

Senhor, eu lhe peço...

MEIRINHO

Nada, nada, venha vindo.

2^a PASTORA

Senhor, por quem é !

MEIRINHO

Não entendo de conversa.

4^a PASTORA

Senhor, attenda.

MEIRINHO

De supplicas não entendo.

ESTUDANTE

Agora supplico eu ;
Tenha dó e compaixão.

MEIRINHO

Ora venha tambem
Senhor padre, para a prisão.

CANTA A REGATEIRA

Desta pobre Regateira
Senhor, tende compaixão.

CANTA O MEIRINHO

Executo ; sou mandado :
Venha já para a prisão.

CANTAM TODOS

Perdoai, dai-lhes soltura,
Não tenhas máo coração ;
Promettemos vingadores
Que ellas presas não vão, não.

CANTA O MEIRINHO

Hão de vir, e hão de vir.

CANTAM TODOS

Não, não vão, não.

CANTA O MEIRINHO

Sim, sim, sim.

FALLA O SOLDADO

Considero-me em campanha,
Com os inimigos em frente ;
Hei de mostrar o que posso,
E o que tenho de valente ;

Bombas e granadas
Se acaso tivesse presente,
Tudo despresaria hoje
Pelo meu braço potente.

Com as minhas mãos valorosas
Hei de aqui já atacar,
Prometto que ninguem,
A prisão ha de parar.

ESTUDANTE

Meus livros, minha Grammatica,
Emfim meu Phedro e Prosodia,
Nominativos do Novo Methodo
Mostrarei aqui, mostrarei
Muitas cousas que eu sei ;
Que é cousa muito certa :
Quid coget, fidem laudemus,
Et solet meum gaudere.

MARUJO

Farei bordo por davante
Calçando bem o traquête,
Irei a fogões de prôa
Já de faca, ou de cacete ;

Quando não, o espinhaço
Lhe hei de pôr em axinha ;
Lhe sacudirei já do corpo
Tudo quanto for morrinha.

O MEIRINHO PARA O MARUJO

Todo este seu poder
Já não me faz confusão ;
Maior poder tenho eu,
Com esta vara na mão :

Não sabe que neste bairro
Tambem mando, e tenho ordem
Para prendel-os a todos
Se comigo fizerem desordem ?

SOLDADO

Prender-me ! ora, essa é boa,
Passe d'aqui, vá brincar ;
Onde se viu um Meirinho
Prender a um militar !

ESTUDANTE

E a mim tambem o mesmo,
Quem lhe deu tal liberdade,
De prender um Estudante,
Que cursa a Universidade !

MARUJO

O senhor official
Comigo não faz farinha,
Senão já lhe sahe do corpo
Tudo quanto for morrinha.

O MEIRINHO PARA O MARUJO

Cale a boca, senhor garrulho,
Que já não o posso aturar,
Senão com esta vara
Os ossos lhe hei de quebrar.

TODOS

O que dizes insolente ?

MEIRINHO

Digo, e obro diligente.

CANTAM TODOS

Este Meirinho atrevido
Aqui hoje ha de acabar.

CANTA O MEIRINHO

Pois eu com esta vara
Os ossos hei de quebrar.

CANTAM TODOS

Piedade, piedade ;
Tenha de nós compaixão :

FALLA O MEIRINHO

Em louvor do Deus Menino,
Estão livres da prisão.

SAHE O VELHO e canta :

Pastorinhas bellas.
Que lindo dia,
Com alegria
Já nos figura.

Já a Parca dura,
Se vai prostrar
Com agudo ferro
Sem nos maltratar.

FALLA O VELHO

Pois, senhores, neste dia
E' que vocês querem brigar?
Não sabem que nasceu Jesus
Para a todos nos salvar?!

Acommodem-se, por favor,
Não briguem, por compaixão,
Vejam que nasceu Jesus
Para nossa salvação.

TODOS

Já, senhor, vos attendendo,
Não queremos mais brigar.

O SOLDADO PARA O VELHO

Que novidade é esta?
Hoje nos ha de contar.

VELHO

No Presepe de Belem,
Onde Jesus é nascido,
E' bem que seja por nós
Eternamente applaudido.

Vamos em marcha cantando
A divisar a estrada;
E faremos em Belem
Funcção muito celebrada.

CANTAM TODOS A MARCHA

Com passo lento já sigo
A' Belem para adorar ;
Que nasceu o Deus Menino,
Hoje para nos salvar.

LÔA DO SOLDADO

Aos vossos pés prostrado,
Faço a minha adoração :
Vos entrego alma e vida,
Juntamente o coração.

LÔA DA 1ª PASTORA

As flores vos offereço,
Meu Jesus, meu Deus Menino,
Pois viestes nascer no mundo,
Humano, sendo Divino.

LÔA DO ESTUDANTE

Meu Jesus, meu Deus Menino,
Aqui me venho prostrar ;
Só por nasceres no Mundo
Para a todos nos salvar.

LÔA DA 2ª PASTORA

As fructas vos offereço,
Por serem mui singular,
Pois eu trouxe tão somente
Hoje aqui para offertar.

LÔA DO MEIRINHO

Esta vara que aqui trago
Não fará execução,
Vede que em Vossa Presença,
Já me prostro neste chão.

LÔA DA 3^a PASTORA

Estes gorazes, Senhor,
Estão mui frescos, enfim
Aceitai esta offerta,
Oh meu Grande Serafim.

LÔA DO MARUJO

Meu Jesus, meu Redemptor,
Aqui me quero prostrar ;
Só vos peço boa viagem
Lá pelas ondas do mar.

LÔA DA PADEIRA

Os pães estão muito quentes
Por sahirem do forno agora ;
Vos offereço, meu Jesus,
E á Virgem Nossa Senhora.

LÔA DO VELHO

Meu Menino pequenino,
Ainda não tens um só dente ;
Só quero que no vosso dia,
Me dês um copo d'aguardente.

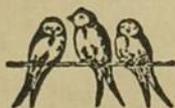
CANTA O VELHO

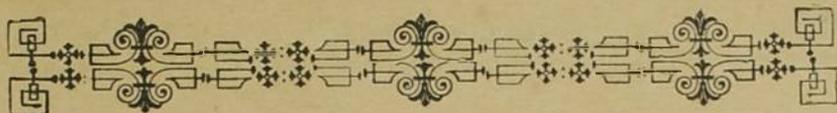
Cantemos louvores
Ao Menino Deus,
Que para nos salvar,
Dos Céus desceu.

Repetem todos a mesma quadra.

CANTA O VELHO

Os anjos vos cantam
Com doce contento,
Louvores e applausos
Ao Nascimento.





Baile da Lavadeira

SAHE A 1ª LAVADEIRA (*cantando.*)

Antes que o sol saia,
Hei de madrugar
Nas margens do rio,
Onde vou lavar.

Passarei contente,
Muito divertida,
Com as mais companheiras
Da mesma lida.

Aqui ficarei
Bem acomodada,
Livre do calor,
E da enxurrada.

Neste cantinho
Ficarei contente,
Dando lugar
Se vier mais gente.

SAHE A 2^a LAVADEIRA (*cantando.*)

Eu vou caminhando,
Que o sol está alto,
Eu não sei se corro,
Eu não sei se salto;

Porém já lá vejo
Outra companheira,
E' Damiana,
Que veio primeira.

FALLA A 2^a LAVADEIRA PARA A 1^a

Deus vos salve, maninha,
Aqui sejaes bem chegada,
De perigos e de sustos
De tudo sejaes guardada.

FALLA A 1^a PASTORA

Deus vos salve, e tambem vós,
De que chegaes tão cançada?
Por vires hoje mais tarde
E' que estaes tão fatigada?

FALLA A 2^a PASTORA.

Na verdade, Damiana,
Que muito tarde acordei,
E como vim na carreira,
Muito cançada cheguei.

FALLA A 1^a PASTORA

De que pois então corrias ?
Viste acaso alguma féra,
Ou algum lobo faminto,
Ou viste tremer a terra ?

FALLA A 2^a PASTORA

Tenho andado sosinha,
Por bosques, penhas e valles;
Entre animaes ferozes,
Mas sempre livre de males.

E assim, oh Damiana,
Dou graças ao Creador,
Pela mercê que me fez
De me dar tanto valor.

Cantam as duas Lavadeiras, seguindo para uma horta a estenderem roupa.

Pastorinhas, grande dicta
Hoje todo mundo alcança,
Baixou já dos Céos a terra,
Fructo da nossa esperança.

CANTA BENTA, passeiando na horta.

Grande pensão, grande lida,
Eu tenho na horta bella,
De regal-a, de cuidal-a,
Que nãc dê o bicho nella.

VOLTA

Quem quer comprar
Verduras mimosas,
Emquanto estão
Mui cubiçosas ?

BENTA *para as lavadeiras :*

Grande confiança é a vossa,
De estenderem roupa nesta horta.

(Joga com a roupa.)

CANTA BENTA

Quem quer comprar, etc.

SAHE A 4^a PASTORA, *cantando:*

Ando procurando
Se alguém me viu
O meu carneirinho,
Que me fugiu.

Por mais que eu procure
Por todo caminho,
Não posso encontrar
O meu carneirinho.

Do meu curralinho
Stulto fugiu,
Não sei como o lobo
O não enguliu.

ADVERTENCIA

*(Entra na horta de Benta, apanha o carneiro,
e canta.)*

Lá está na horta
De Benta hortaleira ;
Como está cañado
Da grande carreira ?

BENTA PARA A 4^a PASTORA

Pastorinha, como entraste
Aqui, sem minha licença ?
Olha que esta ousadia
Já me causa grande offensa.

4^a PASTORA

Ouve-me fallar primeiro.

BENTA

Desculpas não tens que dar,
Hide-vos deste logar.

4^a PASTORA

Benta, cá comigo,
Falle com modo attento,
Pois eu não hei de soffrer
De qualquer, atrevimento.

BENTA

Atrevimento, Filena !
Ignoro este tratar ;
Não queiras pois deste modo
A minha furia irritar.

4^a PASTORA

Ora dai-me o carneirinho,
Não é vosso, pois é meu.

BENTA

Tambem tenho parte n'elle
Pelas hervas que comeu.

4^a PASTORA

Como isto póde ser,
Agora me rio eu...

BENTA

Ora isto não se atura,
Eu estalo de paixão.

4^a PASTORA

Assim é, bella menina,
Pelo que diz tem razão ;
Ora dai-me o carneirinho,
E basta de mangação.

BENTA

Levai pois o carneirinho,
Já d'elle me não importa;
Só quero saber por onde
Vós entraste nesta horta.

4.^a PASTORA

Na carreira em que elle vinha
Saltando montes e valles,
Perdi de todo a razão
Precipitei-me nos males.

Saltei logo a vossa cerca,
Sem mais pequena detença,
Por não perdê-lo de vista
Não vos fui pedir licença.

CANTA BENTA

Levai o carneiro,
Já creio ser vosso :
Ficar-me com elle
Conheço não posso.

CANTA A 4.^a PASTORA, *retirando-se* :

Ficai-vos embora,
Pastorinha bella,
As nymphas vos teçam
Mimosa capella.

SAHE O PESCADOR COM O CARNEIRO, *falla.*

Venha para cá, meu carneiro,
Venha para cá, meu amigo,
Que me ha de servir de forro
Cá dentro do meu umbigo.

Não ha de chegar á porta,
Nem tão pouco á janella;
Só ha de andar no fogão
Mettido em uma panella.

O peixe é para a noite,
Você só para o jantar ;
Como é hospede não quero
Que tenha o peor lugar.

Ha de ter vinho na mesa,
Não cuide que ha de ser só,
Porque póde, por descuido,
Me dar na garganta um nó.

Chupei o bello quitute
Que lá na fontinha achei ;
Indo para cima um pouco,
Com este carneiro encontrei.

Se acaso houver dono d'elle,
Ha de entrar comigo em contas ;
Eu entregal-o não hei-de
Por meio de varias pontas.

SAHE A 4ª PASTORA *e falla*

Venha cá, camaradinha,
Onde o carneiro achou?

PESCADOR

Por ventura elle é seu ?
Meu trabalho me custou.

4ª PASTORA

Dona sou bem verdadeira,
A razão eu lhe direi ;
Pois do curral me fugiu,
Cousa que elle nunca fez ;
Mas só lhe digo, que esta
Ja é a segunda vez.

PESCADOR

Você se quer o carneiro,
Hade-me dar os signaes,
Antes que o leve primeiro.

4ª PASTORA

Elle é todo branquinho
Só com uma malha em roda ;
Tem uma estrella na testa
Que mal se vê, por subtileza,
Que parece ser pintada,
E não ser da natureza.

PESCADOR

Você cuida que eu estou doudo ?
 Estou com todo meu sentido,
 Dê-me o signal que quizer,
 Com tudo isto, eu duvido.

4ª PASTORA

Você, como o carneiro
 Não quer soltar das unhas,
 Eu irei chamar a Benta
 Que é bôa testemunha.

PESCADOR

Na verdade razão acho,
 Para que dar testemunhas ?
 Não grite, fallemos baixo.— (*Dá o carneiro*)

Quanto mais, corre noticia,
 Que na Lapa de Belem
 Nasceu, por nossa ventura,
 Jesus, todo nosso bem.

Vou agora até o rio
 O meu cofinho buscar ;
 Antes que algum curioso
 Vá os meus peixes furtar.— (*Vai-se*)

1ª LAVADEIRA PARA A 2ª

Vamos tambem para a fonte
 Nossa roupinha enxugar,
 Para tambem do trabalho
 Um pouquinho descançar.—

O PESCADOR PARA AS LAVADEIRAS

Eu tambem vou té o rio
O meu côfinho buscar,
Para da minha pescaria
Algum peixinho offertar.— (*Vai-se*).

SAHEM AS LAVADEIRAS, *cantando*.

O côfo do peixe
Que nós achemos
Na beira do rio
Tambem levemos.

Já que a fortuna
Nos entregou,
O dono esquecido
O não levou.

SAHE O PESCADOR, *cantando*.

Grande peça me fizeram,
Grande logro me pregaram ;
Toda a minha pescaria,
Todo o meu peixe levaram.

AS DUAS LAVADEIRAS

Vamos ás nossas cabanas
Nossos peixinhos tratar,
Que quem chupou o quitute
Sem peixe venha a ficar.

Ainda que venha o dono
Ha de levar por um oculo.

CHEGA-SE O PESCADOR AS LAVADEIRAS *e diz :*

Eu me vou chegando á ellas
Antes que venha mais gente ;
Hei de tomar o meu côfo
A força de unhas e dentes.

Senhoras, dê-me o meu côfo
Que a mim é que pertence ;
Sou obrigado á leval-o,
Disto me não dispense.

Senhoras, dê-me o meu côfo,
Não quero graças agora,
Pois eu estou de jornada
E me quero ir embora.

(Começa elle a puchal-as.)

AS LAVADEIRAS

Você é que quer o côfo ?
Ha de levar uma bóta ;
Não puxe assim pela outra,
Vá puxar sua avó-torta.

ADVERTENCIA

*(Sahe a 4ª Pastora, toma o côfo das mãos das Lava-
deiras, entrega ao Pescador e diz:)*

Pois que é isto, meu pastor,
Que contenda é esta agora ;
Sabe isto como se faz ?
Tome já, vamos embora.

AS DUAS LAVADEIRAS PARA A 4^a PASTORA

Todavia, pastorinha,
Olhe como é chibante,
Entregue o que nos tomou
Aqui já no mesmo instante.

O PESCADOR PARA AS DUAS LAVADEIRAS

O que foi que eu lhe furtei?
Um caboré de guisado!
Eu furtei porque estava
Já de fome arrenegado.

FALLA A 4^a PASTORA PARA O PESCADOR

Foi muito bem acertada
Esta peça que vos fez;
E' para vós não cahirdes
N'outro lôgro outra vez.

PESCADOR

E de mais, bellas meninas,
Não sabem que succedeu?
Que hoje por nossa ventura
Jesus em Belem nasceu?

TODAS

Promptas 'stamos, mui contentes,
Pois é o nosso desejo
Que por tão alto convite
As vossas plantas eu beijo.

CANTA O PESCADOR

Grande prazer
Temos na verdade ;
Nasceu Deus menino
Por summa bondade.

Repetem todos o mesmo.

CANTAM AS DUAS LAVADEIRAS

Aceitai, Jesus Menino,
Nosso coração sincero ;
Aceitai, pois dentro nelle
Firmemente vos venero.

Grande prazer, etc.

CANTA A 3^a E 4^a PASTORA

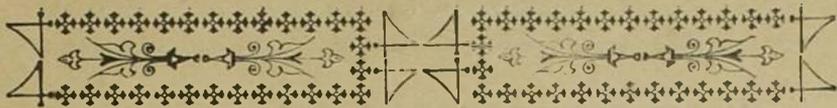
A hortaliça que trago
É tambem o carneirinho,
Aceitai, não desprezeis,
Perdoai a offerta minha.

Grande prazer, etc.

CANTA O PESCADOR

Este lindo rubalinho
Que vós me déstes na linha,
Aceitai, não desprezeis
A humilde offerta minha.

Grande prazer, etc.



Baile de Elmano

SAHE ELMANO *e falla.*

Seu manto desdobrava a noite escura,
E a rã no charco, o lobo na espessura
Vociferando, os ares atroavam;
Do trabalho diurno já cessavam
Os rudes, vigorosos camponezes,
O vaqueiro cantando atraz das rezes,
Apoz das cabras, o Pastor cantando,
Iam para as malhadas caminhando:
Tudo jazia em paz, menos o triste,
O desgraçado Elmano, a quem feriste,
Oh pernicioso amor, cruel deidade,
Flagello da infeliz humanidade:
Tudo emfim descansava, excepto Elmano,
Que a mão do fado, universal tyranno
Sentia sobre si descarregada,
Que longe da paterna choça amada,
Dependente vivia em lar estranho,
Sendo os desgostos seus o seu rebanho.
Inflammado o coração ao som da lyra,
Quebrei dos tufões a força, a ira,
E o venerando rio socegado,
A cuja praia me trouxe o fado,

Mil vezes para ouvir-me as ternas maguas,
A limosa cabeça ergueu das aguas.
Cégo, convulso, pallido e sem tino
Entrei na cabana de Francino,
Onde o desditoso Elmano, entre os Pastores,
Teve geral estimação, geral louvores.

CANTA

Despresado de uma ingrata
Vivo nesta solidão ;
Em busca das mesmas feras
Que me arranquem o coração.

SAHE FRANCINO *e falla.*

Que tens, Elmano? Que fatal desgosto
Banha de tristes lagrimas o teu rosto?
Tu, que ainda a brevíssimos instantes
Te acclamavas feliz entre os amantes :
Logrando mil carinhos, mil favores,
De Ursulina gentil dos teus amores,
Vens tão choroso, tão afflicto agora ;
Conta-me, pastor, a paixão que te devora :
Das ancias tuas o motivo explica,
Communicado o mal, mais brando fica.

ELMANO

Ai de mim! venho louco, estou perdido,
Oh peito ingrato! coração fingido!
Oh deshumana, oh barbara pastora!
Fementida mulher, enganadora!

FRANCINO

Amigo, torna em ti, recobra alento,
Declara-me o teu impio tormento,
Do cégo frenezi que te domina,
Quem é a causa, pastor, é Ursulina?

ELMANO

Quem senão ella, oh Céos, me obrigaria
A tão pasmoso extremo ! a sorte impia,
Com todo o seu poder nunca tem feito
Desmaiar a constancia de meu peito :
Quem me abate é amor, não o destino,
Eu te conto o meu mal, eu vou, Francino,
Retratar-te a mais negra, a mais horrivel
De todas as traições ; não é possível
Nos érmos encontrar da Lybia ardente
Monstro, seja leão, seja serpente
Que possa comparar-se á fera humana,
Que com tanto rigor me desengana.
Quantas vezes notaste o honrado amigo ?
Finezas que a traidora obrou comigo ?
Quantas vezes d'aqui presenciaste
Seus gostos, seus afagos, e julgaste,
Que o mais ardente amor, a fê mais pura
Pagavam minha candida ternura !
Ouve, e conhecerás, ai de mim triste !
Que foi sonho, illusão tudo o que viste ;
Junto a mim quantas vezes a refalsada
Protestou que em sua alma eu só vivia !
Que eu era de seus olhos alegria,

Dando-me a bella mão furtivamente,
Eu ardendo de paixão beijei contente,
Pedi-me a desleal que alli tornasse,
Que tão doce prazer lhe não roubasse;
Guiado por amor fui inda agora
Seu desejo cumprir, antes não fôra :
Porque não sentiria este martyrio,
Este ardor, esta raiva, este delirio.

FRANCINO

Consola-te, pastor, esta perjura
Não deve motivar tua amargura :
Castiga-lhe a traição, e o fingimento,
Lançando-a n'um profundo esquecimento.
Que mais satisfação, que mais vingança
Queres da vil, da subita mudança
Que ver exposta a perfida pastora
Ao ludibrio geral? Uma traidora,
Uma féra, uma ingrata, inda que bella
Não merece a paixão, que tens por ella.

SAHE JOZINO *e falla*

Verdes campinas, cristalino Tejo,
Aqui tendes Jozino já presente;
Oh quanto aspira o meu desejo,
Tornar a patria para estar contente :
Agora, doce patria, que vos vejo,
Maior prazer meu peito sente ;
A' quanto tempo jaz de ti distante,
Querida pastora, o teu amante.

SAHE MARILIA *e canta.*

Quem me dera encontrar
A paixão, que me domina ;
Pois por não ver a Jozino
Tudo a mim me amofina.

FALLA MARILIA

Josino bello, Pastor querido,
Recobra alentos, que tens perdido ;
Aqui tendes Marilia já presente,
Agora com ella viverás contente.

JOZINO

Bella e querida camponeza,
Elevado estou nesta belleza ;
Sois Marilia gentil dos meus affectos
Retrato, dos meus olhos, o projecto.
Sois querida e agradada dos meus favores,
Emfim, sois todo o meu bem, sois meus amores,

ELMANO

Julga-te feliz e afortunado,
Por não teres de amor algum cuidado :
Se fôras infeliz, como eu sou,
Sentirias no peito algum ardor,
Sentirias o coração em fogo ardente
N'um féra leôa, n'uma serpente.

SAHE URSULINA *e canta.*

A' recolher o meu gado
Vou contente caminhando
Para ver o meu Elmano,
E o ir desenganando.

ELMANO, *falla.*

Bella e querida Ursulina,
A tua ausencia me amofina,
Por estar ausente de te ver
Cheguei quasi á extremos de morrer.

URSULINA

Retira-te, pastor, não me consumas,
Antes da minha vista já te sumas;
Não te entrego mais o meu affecto,
Sacrifiquei de novo á outro objecto.

CANTA ELMANO

Que dizes, meu bem,
Que rigor é este?

CANTA URSULINA

Teu bem não me chames,
De quem eu fui te esquece.

CANTA ELMANO

Cruel, eu te deixo,
Mas teme o castigo.

CANTA URSULINA

Ingrato, não temo
Teu odio inimigo.

FALLA ELMANO

Traidora, eu não dizia, eu não jurava,
Que o meu socego ao teu sacrificava ;
Ah ! porque me não déste o desengano,
Que eu te pedia, coração tyranno ?
Que razão te obrigou a acarinhar-me,
E de um fingido amor capacitar-me ?
A vingadora mão de Jove Eterno
Devia para ti crear o inferno ;
E' possível, é certo, oh Céos ! soccorro !
Eu pasmo, eu ardo, eu desespero, eu morro.

*(Aqui desmaia Elmano, e descansa a cabeça sobre o
hombro de Francino.)*

FRANCINO

Moderá, pastor, tanta paixão,
Socega por um pouco o coração ;
Pondera que não foste injuriado
Do seu duro desprezo inesperado :
Nenhum, nenhum pastor n'Aldêa ignora,
Que esta, que te deixou foi té agora
Carinhosa comtigo, e fez patente
Sua correspondencia á toda a gente,
Baixo costume, e natural fraqueza,
E' que a fez parecer de amor acceza,

Eia pois, cesse o pranto, enxuga o rosto
Adora a Providencia em teu desgosto ;
Não delires, pastor, não desespéres,
Que és feliz em saber, quem são mulheres.

SAHE GERMANA *e canta.*

Para Belem vou contente
Ao Bom Jesus adorar,
Que veio nascer no mundo
Para á todos nos salvar.

FRANCINO

Sejas bem chegada, nobre Germana,
Ja lá hia buscar-vos na cabana,
Para o amante Elmano consolar,
Que em chamma de amor quer acabar,
Pois Ursulina despresando o seu affecto
Dedicou-o de novo á outro objecto.

GERMANA

Pastor gentil, que regosijos
Apparecem na Lapinha de Belem?
As féras hoje dos escondrijos
Correm a adorar ao Summo Bem ;
Não cuideis em amores, meu Francino,
Vamos, sim, adorar o Sol Divino ;
Pois quem ama constante, com fé pura,
Sente no peito muita amargura ;
Seja Ursulina constante ao seu amor,
Abandone a ingratição e o rigor.

URSULINA

Eu com Elmano não quero ser constante,
Nem á elle jurei a fé de amante :
Pois nunca lhe tratei com affeição,
Nem constante lhe rendi meu coração.

ELMANO

Ai de mim, que desespéro !!!

FRANCINO

Uma ingrata, tyranna desta sorte,
Não merece que te exponhas a cruel morte ;
Isto em teu coração gravado fique,
E não queiras, pastor, maior despique ;
Se até agora calei quanto te digo
Foi por não te affligir, presado amigo :
Pouco importa, perder, quem nada vale
Pouco importa que a Aldêa falle,
Deveria lembrar-se a fementida,
Que a sua affeição foi conhecida :
Detesta desde já essa pastora
Inconstante, tyranna, vil traidora.

SAHE O VELHO *e falla*

Que alegre manhã, que grato dia,
Só respira prazer, só alegria ;
Nobres pastoras e pastores
E' chegado o tempo dos louvores,

FRANCINO

Loreno, vejo-te hoje tão contente,
Que será, que aconteceu ?

VELHO

Jesus, que é nossa ventura,
Em Belém hoje nasceu.

GERMANA

Não sabias do Nascimento?
Ja vos queria contar.

VELHO

Nasceu esta meia noite
Para todos nos salvar.

ELMANO

Com todos os meus desgostos
Prompto estou para adorar
A um Deus, Senhor Eterno,
Que nasceu para nos salvar.

MARILIA

Eu no canto não fico,
Irei de boa vontade
Adorar hoje em Belem
A' Suprema Divindade.

JOZINO

Formemos para Belem
Uma jornada de gosto,
A' vencermos o caminho
Antes que o sol seja posto.

GERMANA

Ursulina com Elmano,
Façam mui boa união,
Para com gosto fazermos
Melhor a nossa funcção.

URSULINA

Só para este tão bom fim
Faremos sociedade,
E d'elle serei companheira
De toda minha vontade.

CANTAM TODOS A MARCHA

Marchemos para Belem
Com contento e alegria ;
Para adorar a Jesus,
Filho da Virgem Maria.

LÔA DE ELMANO E URSULINA

Meu Jesus, meu Summo Bem,
Aqui rendemos louvores,
Recebei os nossos votos
Supremo Rei dos Senhores.

LÔA DE MARILIA E FRANCINO

Meu Jesus, Omnipotente,
Aceitai meu coração ;
Sabemos que nada somos
Oh Deos de Summa isenção.

LÔA DE JOSINO E GERMANA

Ainda que somos rusticos,
Creados sem raciocinio,
Agora memoria temos
Só por Vós seres Divino.

LÔA DO VELHO

Que lindo pequinitates,
Como bole com as perninhas ;
Como está elle gostando
Destas lindas pastorinhas !
Recebei com summo gosto
Esta bella embigadinha.

CANTA ELMANO E URSULINA

Louvores já vos rendemos
Com toda a humilhação ;
Vos entrego alma e vida,
Juntamente o coração.

CANTA O VELHO

A' um Deus Menino
Senhor das alturas,
Que veio Humanar-se
Entre as creaturas.

(Repetem todos o mesmo.)

CANTA FRANCINO E MARILIA

Meu Menino, lindo e Santo,
Louvores viemos render
Só por vermos o amor
De quem por nós veio nascer.

A' um Deus Menino, etc.

CANTA GERMANA E JOSINO

Grande Deus Omnipotente
Rei, Senhor de todo o mundo;
A vossos pés vos rendemos
Acatamento profundo.

A' um Deus Menino, etc.

CANTA O VELHO

Eu como um velho que sou,
Faço a minha adoração,
E vos entrego, Senhor,
Alma, vida e coração.

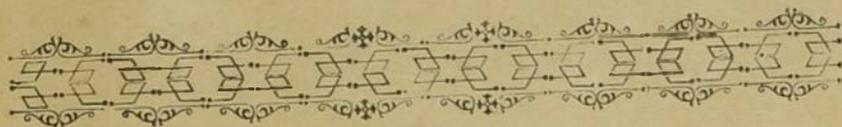
A' um Deus Menino, etc.



POESIA BARDICA

—

— CANTIGAS DE REIS —



Cantigas de Reis

Do lethargo em que cahistes,
Despertaí, nobres senhores ;
Vinde ouvir noticias bellas,
Que vos trazem os pastores.

Senhora dona da casa,
Bote azeite na candeia,
Que eu não tenho a confiança
De mandar na casa alheia.

Aqui estcu na vossa porta
Feito um feixinho de lenha,
A espera da resposta
Que de vossa boca venha.

Dous de cá,
Dous de lá ;
Mariquinhas no meio
Não pôde *sambá*.

Vinde abrir a vossa porta,
Se quereis ouvir cantar ;
Acordai, se estais dormindo,
Que vos viemos festejar.

Sabei que é nascido um Deus,
Soberano e Omnipotente,
Adorado das nações
E da mais bravia gente.

Os tres Reis, de longes terras,
Vieram ver o Messias,
Desejado ha tanto tempo
De todas as prophcias.

Tenho sêde,
Não quero *pedi*,
Pois tenho vergonha
Da gente d'aqui.

Os tres Reis, com grande gosto,
Seguidos de muita gente,
Se humilharam abatidos
A um Deus Omnipotente.

Lhe trazem suas offertas
Com um amor filial,
Applaudem todos contentes
O seu tão lindo Natal.

Incenso, mirrha e ouro
E' o que vêm ofertar,
Despem sceptros e corôas
Com prazer mui singular.

Mortaes, não fieis na sorte,
Vinde ao Menino applaudir;
O seu virtuoso exemplo
Deveis contentes seguir.

Se ha de vir,
Que venha já:
Garrafas de vinho,
Doce de araçá.

A grandeza, a opulencia,
Detestai-as sem receio ;
Vede como o Deus Menino
A dar-vos exemplo vicio.

O' senhor dono da casa,
Com ampla satisfação,
Abra já a sua porta
Pois tem grande coração.

Hoje é dia de festejo,
E de um prazer sem segundo,
Pois é nascido o Menino
Salvador de todo o mundo.

O senhor dono da casa,
Deve já aqui estar,
Pois sabemos quanto gosta
Com prazer tambem brincar.

Ha tanto tempo
Que nós já chegamos,
Que é de as gallinhas
Que nós já ganhamos ?

Somos gentes de bom gosto,
Gostamos de conviver,
Tambem queremos que todos
Mostrem contento e prazer.

Na Lapinha de Belem
E' nascido o Deus Menino,
Entre as turbas dos pastores
Sendo um Senhor tão Divino.

Abra a porta,
Tambem a janella,
Que eu quero gosar
A cõr de canella.

Abri já a vossa porta,
Pois temos muito que andar ;
Antes que o dia amanheça
Queremos a Belem chegar.

Queremos hoje brincar
Com contento e com prazer,
Pois para nossa ventura
Veio o Menino nascer.

Na Lapinha de Belem,
Adorado dos pastores,
Nasceu um Deus Menino,
Sendo Senhor dos senhores.

Festejemos ao Menino,
Nascidinho em Belem ;
Pois é a nossa ventura,
E' o nosso Summo Bem.

Tenho vontade
De uma cousa *pedi* ;
Mas tenho vergonha
Das gentes d'aqui.

Somos gentes muito boas,
Sabemos bem conviver ;
Bebemos bem aguardente
Com alegria e prazer.

O nosso bom Deus amante
Quiz o mundo resgatar,
Nascendo em um presépe
Para todos nos salvar.

Abra a porta
Bem devagarinho,
Que eu quero dizer:
Adeus, meu bemzinho.

Senhora D. Maria,
Espelho de relação,
Quem falla n'essa senhora
Dobra o joelho no chão.

O senhor dono da casa
E' uma folha de papel,
Inda espero o ver na praça
Com bastão de coronel.

Os pequenos d'esta casa,
Não se dêem por aggravados,
Ficaram por derradeiros
Por serem mais estimados.

Senhora dona da casa,
Olhos de pedra redonda,
Daquelle pedra mais fina
Em que o mar combate a onda,

O telhado d'esta casa
E' telhado de virtude ;
Eu passei aqui doente,
Hoje de bôa saude.

Se eu soubesse
Que havia funcção,
Trazia mulatas
Do meu coração.

Esta noite tão ditosa
E' bom que vós não durmaes,
Porque tão alta ventura
Não é justo que percaes.

Vinde ouvir simples cantatas
De grosseiros camponezes,
Das aldeias conduzindo
Cordeiros e mansas rezes.

As serranas enfeitadas
Em prazeres vão saltando;
Os mancebos, os velhinhos,
Todos, todos vão chegando.

Vossas offertas, senhores,
Trazei, que as conduziremos,
E com toda a companhia
Iguaes as repartiremos.

Somos meninas
Da casa da mestra,
Viemos fugidas
Promode a tarefa.

Frangos, gallinhas, perús,
Doce, queijo e requeijão,
Tudo nós acceitaremos
Vindos de bom coração.

Nada de flores queremos,
Porque cheiro sem sabor,
Suavisa um só sentido,
Não refrigera o calor.

Melancias, ananazes,
Bellas mangas, mangabinhas,
Até servem n'esta noite
Uns pombinhos e pombinhas.

Ora dêem,
Si têm de dar !
Que somos de longe,
Queremos andar.

Venham ovos, venham uvas,
Limões doces e cajús ;
E então sim, seremos gratos
Para sempre *Amem Jesus*.

Para que tão lauta ceia
Mal não nos possa fazer,
Em cima da fruta e doce
Mandai-nos dar que beber.

Se quizer
Que eu seja d'ahi,
Você dá pipocas,
Eu dou *mundubi*.

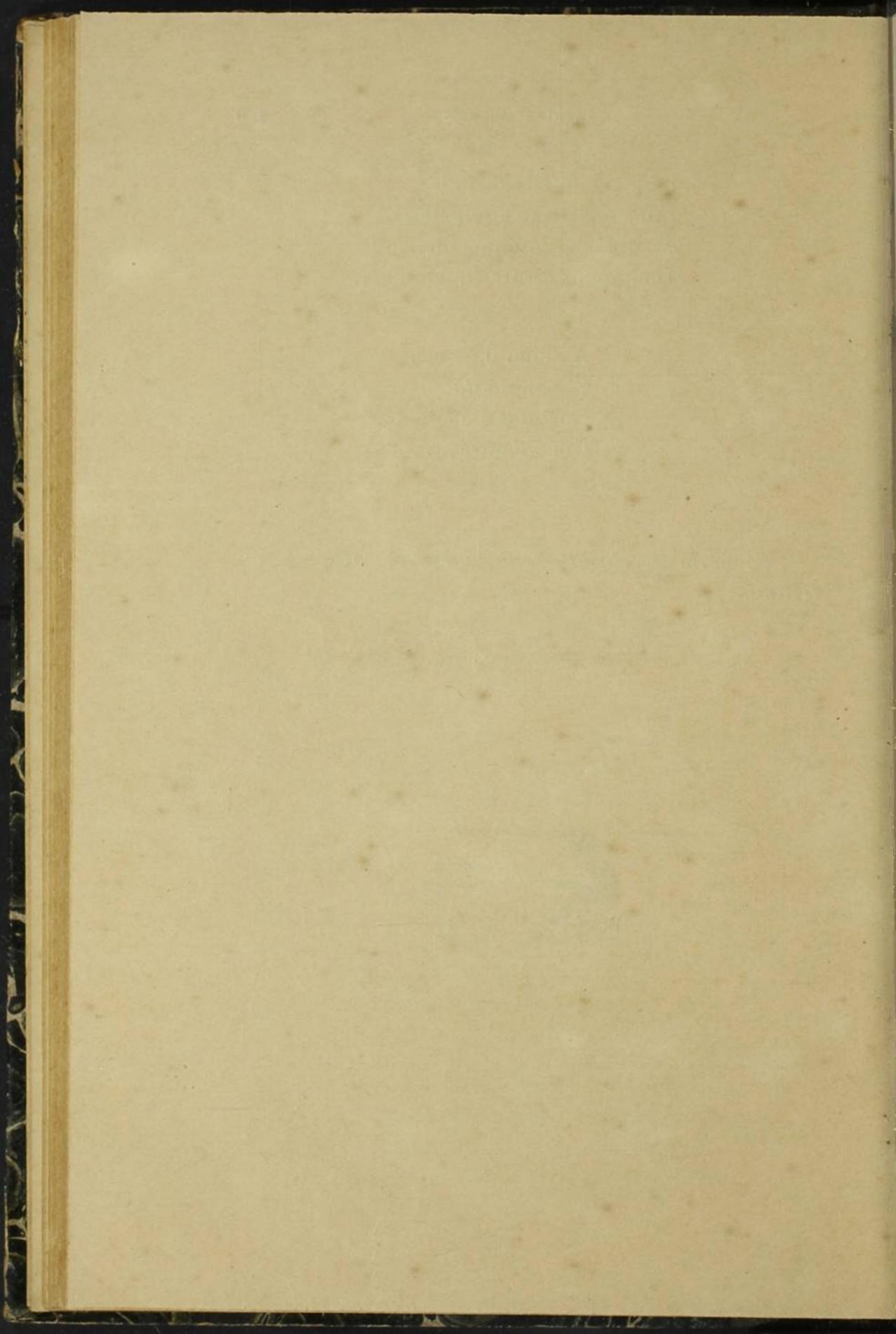
Vinho do Porto e do Duque,
Bordeaux, moscatel *champanha*,
E tudo que é licor fino
Fabricado em terra estranha.

Esta vai por despedida
Por cima destes telhados,
As pessoas que nos ouvem
Tenham os dentes quebrados.

A dona da casa
E' boa de dá,
Garrafas de vinho,
Doce de araçá.

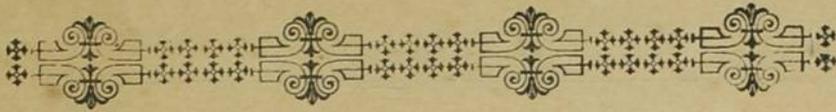
*Formam um lundú com bastantes voltas e re-
tiram-se.*





POESIA BARDICA

— REISADO E CHEGANÇA —



Reisado do Zé do Valle

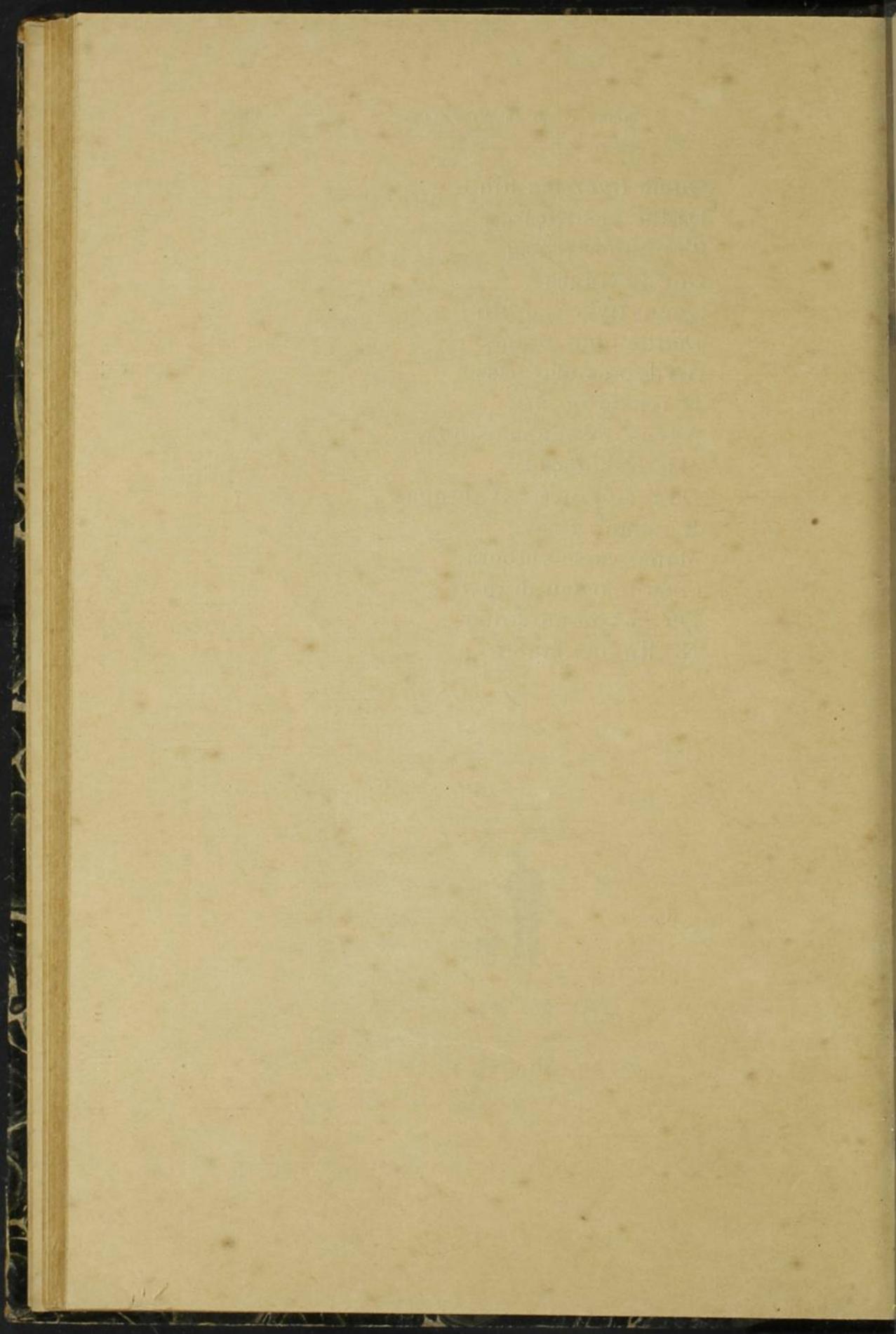
Minha mãe assuba,
Falle como gente ;
Assuba a palacio,
Falle ao presidente.
Pegue no caboclo,
Dê-lhe com bordão;
Qu'elle foi a causa
Da minha prisão.
A minha prisão
Foi ao meio-dia,
Nas casas estranhas
Com grande agonia.
O' senhor meu pai,
Capitão-tenente,
Cada pé de canna
Era um pé de gente.
Morto de fome,
Morto de sede,
Só me sustentava
Em canninha verde.
— « Dona, por aqui?
Grande novidade...

« Vim soltar um preso
Cá n'esta cidade...
Senhor presidente,
Se dinheiro vale,
Trago aqui dez contos
Solte o Zé do Valle
— « Dona, va-se embora,
Qu'eu não solto não.
Que seu filho é máu.
Tem ruim coração,
Matou muita gente
Lá n'esse sertão;
Da minha justiça
Não faz conta, não.
« Tenho meu lacaio
De minha estimação,
P'ra *seu* presidente
Não tem preço, não.
Senhor presidente.
Peço incontinente,
Solte o Zé do Valle.
Pelo Sacramento!
— Senhor presidente,
Não abra a porta, não;
Se eu sahir na rua,
Faço exalação... (1)
Minha mãe, va-se embora,
Deixe de cegueira,
Qu'eu hei de ser solto
No Rio de Janeiro.

(1) Desordem com resistencia, ferimentos.

Quem tiver seu filho
Dá-lhe ensinação,
P'ra nunca passar
Dôr de coração,
Quem tiver seu filho
Dê-lhe todo o dia,
Ao depois não passe
Dores de agonia.
Adeus, minha mãisinha,
Mãi do coração;
Dê lembrança á Anninha
E a mano João;
Mana, va-se embora,
Guarde o seu dinheiro,
Qu'eu vou me soltar
No Rio de Janeiro.







Chegança dos Mouros

O cordão dos Christãos entra, tocando e cantando.

TODOS

O sol quando nasce
Nasce de leste,
Não se recolhe agora
Senão quando Deus quizer.

*Ouvem-se rufos de caixas de guerra, embates de
espadas, etc.*

Vamos dar desembarque,
Olá da prôa,
O' meu gageiro grande;
Sóbe lá riba,
Vira pela prôa,
Que o vento é tanto
Que nos atormenta !...

Ferra aquelle panno,
Oh ! que temporal !
Que Nossa Senhora
Nos ha de ajudar !...

TODOS

Quando na barra chegamos,
Todos com muita alegria,
Foi p'ra cantarmos louvores
Ao rosario de Maria.

COMMANDANTE

Demos fundo, companheiros,
Com prazer e alegria,
P'ra louvarmos o festejo
Do rosario de Maria.

LÓAS

Vi o sol illuminando,
As estrellas scintillando,
Eu vi de novo cantando
O passarinho saudoso :
E parti—fui confiante
De ver a pompa do dia,
E a quem nós vamos louvar,
O rosario de Maria.

Eu vi em Anna um thesouro
De grande sabedoria ;
Topei Anna na cadeira
A ensinar a Maria !
Maria visitando a Maria
Foi a flor da christandade,
Pois n'ella foi encarnada
A Santissima Trindade.

CALAFATINHO

Trago fazendas mimosas
Para vender no Brazil,
Trago dois topes de flores
Para as moças do Brazil.

Dou-te vinte e tres cruzados
Pela fazenda que trazes ;
Se não quizeres vender
Vou queixar-me ao commandante,
Que estás vendendo contrabando
Dentro desta embarcação.

CALAFATINHO

Saberá Vossa Excellencia,
Meu tenente-general,
Que este guarda-marinha
Aqui nos quer acabar.

Saberá Vossa Excellencia,
Meu capitão mar-de-guerra,
Estas fazendas que trago
Foram *offradas* em terra.

COMMANDANTE

Olá, ó carcereiro,
Tenho muita da razão,
Pegue já n'este guarda
Vá mettel-o na prisão.

CALAFATINHO

Olá, senhor piloto,
A quem pretendo rogar,
A prisão é rigorosa,
N'ella pretendo acabar.

PILOTO

O' meu nobre commandante,
Dizei-me porque razão,
Vós aqui prendeis o chefe
D'esta nossa embarcação ?

COMMANDANTE

Prendi o chefe, prendi,
Foi com muita da razão;
Foi um falso e um traidor
A esta nossa embarcação.

Vamos! Sem mais demora
Este guarda solte já;
Hoje é dia de festejo,
Não costumo castigar.

CALAFATINHO

Graças, oh! céos,
De todo meu coração,
Que já 'stou livre dos ferros,
Bailando n'este cordão.

Já não posso mais cantar,
Já não posso mais bailar,
Que esta lida tão cançada
Me hade um dia matar,
Para poder descansar.

MESTRE

Vem cá, meu calafatinho,
Não te ponhas a arrasoar,
Toma lá tua ração,
Vai o leme governar.

CALAFATINHO

Se não quando eu for ao leme,
Quando o posto me tocar,
Hei de deitar-me a dormir
E não o leme governar.

COMMANDANTE

Arre! arre!...
Quem está aqui?...
Com tanto barulho
Não posso dormir!

CALAFATINHO

E' meu mestre e meu piloto,
Que de mim se quer vingar.

COMMANDANTE

Arreda ! arreda tudo,
Que me quero despicar!...

OFFICIAL

O' meu mestre e meu patrão,
Ouvi o caso á feição.

COMMANDANTE

Que ao cão deste bregeiro
Os ossos quero quebrar,
Com esta faca de ponta
A todos faço arredar.

TODOS

O' meu mestre e meu patrão,
Ouvi o caso á feição.

COMMANDANTE

Gageiro grande, sóbe a riba
A ver se avistas terra...

GAGEIRO

Na linha, eu vejo tres velas,
Velejam a barla vento...
Eu não sei o que farei
Para lhes tomar o vento.

COMMANDANTE, *assestando o oculo e reconhecendo o navio dos Mouros.*

Senhor do céu, eu perco o tino,
E' não de guerra e de Argelino;
Vem Argelino na prôa
Velejando a barla-vento.

REI CHRISTAO

Alerta ! alerta todos comigo !
Venham ver eu arrasoar
Com este mouro e inimigo !...

*No correr da scena e do canto, o Rei Christão se en-
furece, brande no ar a espada e exclama :*

REI CHRISTÃO

Espada fóra, senhores officiaes !...

OFFICIAES

Senhor, eu ferirei
E tornarei a ferir,
Para que vossa corôa
Nos deva governar :
Derramarei o meu sangue
Pela corôa real.

TODOS

Juremos todos
Pela bandeira real ;
Quem ao meu rei aggreidir,

A sete leguas irei buscar ;
Derramarei o meu sangue
Pela corôa real.

COMMANDANTE

Preparem-se as baterias
Que estou com o inimigo defronte ;
A vossa não quasi na prôa...
Nos valerá a piedade
Do rosario de Maria !

*O Commandante ajoelhou-se, ergue ao céu as mãos
postas e exclama :*

COMMANDANTE

Jesus, neto de Santa Anna,
Filho da virgem Maria,
Não permittaes que eu seja
Prisioneiro na Turquia.

Campos, bosques, flores, terra,
Digam adeus ao desgraçado ;
Elle é triste, é sem ventura,
Triste e mal afortunado.

Não permittâes que Lirindo
Chame a mim seu bem amado ;
Eu sou triste e sem ventura,
Triste e mal afortunado.

ARTILHEIRO

Saia fóra a artilharia,
Não tenha medo nem pejo :
Sargento, fogo na peça,
Quem faz a guerra nos veja.

Sou um guerreiro artilheiro,
Trago bombas e granadas
Para com o Mouro brincar.

EMBAIXADOR Mouro

Tambem vosso commandante
Deu palavra em demasia,
Hei de fazer fogo em frente
E tambem na artilharia.

COMMANDANTE

Onde está o capellão
Aqui desta embarcação,
Que a marujada pede
De pressa absolvição ?!...

CAPELLÃO

Eu vos absolvo,
Filho do coração,
A Virgem Nossa Senhora
De nós tenha compaixão.

ARTILHEIRO

Senhor padre capellão,
Faça meios de viver,
Não se fie em orações
Que tambem pode morrer.

CAPELLÃO

Se matardes a correr
Minha mão sagrada está :
Dê-me um jogo de pistolas
Que te ajudarei a matar.

EMBAIXADOR MOURO

Licença, licença, senhores,
Nesta não eu quero entrar,
Para dar a embaixada
Que o Sultão me manda dar.

Já te salvo, ó Excellencia,
Ouvi-me com grão valor,
Para dar-te a embaixada
Que te manda o meu senhor.

REI CHRISTÃO

Quem é o teu senhor ?
Quem é o teu senhor ?

EMBAIXADOR MOURO

E' o Grão-Sultão, senhor da Mauritania, que por
mim prender-te manda.

REI CHISTÃO

Senta-te, Embaixador, dize a mim o que pretende o teu senhor.

EMBAIXADOR MOURO

O meu monarcha, que por mim saudar-te envia, manda-me dizer-te que te faças mouro e voltes comigo para a Mauritania. Elle te offerta todos os seus thesouros para contigo se achar.

REI CHRISTÃO

Olá, Embaixador! vê como dás a embaixada com razão mais moderada !...

EMBAIXADOR MOURO

Este é o modo que aprendi com o Grão-Sultão, senhor da Mauritania, que por mim saudar-te manda.

REI CHRISTÃO

Olá! general! não fosses um embaixador illustre, com este punhal no peito te viraria de bruços.

TODOS

Lá se vai o Embaixador
Cheio de raiva e furor;
Da nossa razão ás ameaças,
Do nosso governador.

REI CHISTÃO

Este Argelino me veio affrontar,
Cheguem soldados e rufem tambores,
Promptos estamos p'ra pelejar.

Terminando o canto d'este verso, trava-se renhido combate entre Christãos e Mouros, os artilheiros acendem bombas que atiram de parte a parte, ao manejo entusiastico dos Christãos, que fazem tinir contra as dos inimigos as suas espadas de ferro.

CHRISTÃO

Cutila, cutila,
Toca a cutilar !
Estamos em campanha,
Toca a degolar.

REI MOURO

Não me toca Mafoma,
Como hei de me entregar?
Inda tenho o masculino
Que não me ha de faltar.

REI CHRISTÃO, *cantando*

Entrega-te Mouro,
Que preso estás ;
Por ordem do rei
Que te manda buscar.

A peleju vai mais intensa, mais instrumentada de rumores de armas e de vozes, até que o Rei Mouro

finge entregar-se. Durante esta scena, porém, o filho do Rei Mouro e o Secretario entram, e o

REI CHRISTÃO *diz* :

Entrega-te, Mouro !...

REI MOURO, *cantando* :

Se eu soubesse que no Brazil
Havia tanta coragem,
Ha mais tempo eu aqui vinha
Trazer minha vassalagem.

REI CHRISTÃO

Se tu queres ser louvado
E ver teu filho coroadado...

UM MOURO

Mouro, tu não te disseste
Homem de tanto valor,
Como foste prisioneiro
Do Christão enganador?!...

CÔRO

Se tu queres ser louvado
E ver tem filho coroadado...

Rei Mouro, que resiste para não ser baptisado :

REI MOURO

Pasmado de tudo que vejo, vejo meu filho e sobrinho rendido á belleza... Com este punhal que tenho, traspasso o meu coração; botai-me no inferno, escuro como a morte...

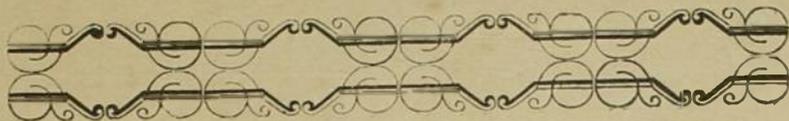
.....

A lucta recomeça, rufam caixas de guerra, os personagens levam a acção ao apogêo, seguindo-se a tudo o baptismo do Rei Mouro, as salvas da embarcação que lhes serve de scenario, aos cantos triumphaes de ambos os cordões, terminando pela côro :

CÔRO

Se quizeres ser louvado
Com prazer e alegria,
Vamos adorar Jesus,
Filho da Virgem Maria.





O Bumba-meu-boi

SCENA I

O CAVALLO-MARINHO, A DANSAR, E O CÔRO

Côro — Cavallo-marinho
Vem se apresentar,
A pedir licença
Para dansar.
Cavallo-marinho,
Por tua tenção,
Faz uma mesura
A seu capitão.
Cavallo-marinho
Dansa muito bem :
Póde-se chamar
Maricas meu bem.
Cavallo-marinho
Dansa bem bahiano :
Bem parece ser
Um pernambucano,
Cavallo-marinho
Vai para a escola,

Aprender a lèr
E tocar viola.
Cavallo-marinho
Sabe conviver ;
Dansa o teu balanço
Que eu quero vêr.
Cavallo-marinho,
Dansa no terreiro ;
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.
Cavallo-marinho,
Dansa na calçada ;
Que o dono da casa
Tem gallinha assada.
Cavallo-marinho,
Você já dansou,
Mas porém lá vai,
Tome que eu lhe dou.
Cavallo-marinho.
Vamos-nos embora ;
Faze uma mesura
A' tua senhora.
Cavallo-marinho,
Por tua mercê,
Manda vir o boi
Para o povo vêr.

SCENA II

O AMO, O ARLEQUIM, O MATHEUS, O BOI, O CORO,
O SEBASTIÃO E O FIDELIS

Amo -- O' arlequim,
O' peccados meus,
Vai chamar Fidelis,
E tambem Matheus.
O' meu arlequim,
Vai chamar Matheus,
Venha com o boi
E os companheiros seus.

Arlequim -- O' Matheus, vem cá,
Sinhô está chamando;
Traze o teu boi,
E venhas dansando.
Só achei o Matheus,
Não achei Fidelis;
Bem se diz que negro
Não tem dó da pelle.

Amo -- O' Matheus, cadê o boi?

Matheus -- Ólá, ólá, ólá,
Boio tá p'ra cá,
Boio tá p'ra cá...
Si minha boio chegou
Eu tá aqui;
E que foi esse
Pur aqui?

O meu xinhô,
Cadêl-o Bastião,
Cadêl-o Fidére?
Para onde fôro?
Venha cá vocês (*para o Côro*)
E também o boio.

ENTRA O BOI

Côro — Vem, meu boi lavrado,
Vem fazer bravura,
Vem dansar bonito,
Vem fazer mesura.
Vem fazer mysterios,
Vem fazer belleza;
Vem mostrar o que sabes
Pela natureza.
Vem dansar, meu boi,
Brinca no terreiro;
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.
Este boi bonito
Não deve morrer;
Porque só nasceu
Para conviver.

Matheus—O boio, dare de banda,
Xipaia esse gente,
Dare p'rá trage,
E dare p'rá frente...
Vem mai p'ra baxo,
Roxando no chão,

E dá no pai Fidére
Xipanta Bastião...
Vem p'ra meu banda
Bem difacarina,
Vai mettendo a testa
No Cavallo-marinho.
O, ó, meu boio,
Desce d'essa casa,
Dansa bem bonito
No meio da praça...
Toca esse viola,
Pondo bem miudo;
Minha boio sabe
Dansá bem graúdo.

Côro — Toca bem esta viola
No bahiano gemedô,
Que o Matheus e o Fidelis
São dois cabras dansadó.
No passo do jurity,
Tico tico roxinó,
Si Fidelis dança bem,
O Metheus dança milhó.
O tocadô da viola
Tem os olhos muito esperto,
O som da sua viola
Parece-me um céu aberto.
Eu quero boa viola
Para fazer toda a festa,
O bom pandeiro concerte
O samba na floresta.

Eu fui dos que nasci
Na maré dos caranguejo,
Quanto mais carinhos faço,
Mais despresado me vejo.
Como sou filho do povo,
Tenho o dom da natureza ;
Não sou feliz, mas bem passo
Com toda a minha pobreza.
Danse o boi, danse o Matheus,
Dansem todos os vaqueiros;
Dansem que hoje nós temos
Grande festa no terreiro.

Matheus — Pára, pára, pára !
Quero dizê um recado :
— Boio dansou, dansou,
Mai agora tá deitado !

Sebastião — Ah ! pracêro meu,
Boio de sinhô moreu...

Matheus — A timbora, bobo,
O boio divertiu muito,
Agora ficou cançado ;
Toca bico do ferrão,
P'ra tu vê como arrevira
E te dá no chão.

SCENA III

Os mesmos, o Doutor, Capitão do Matto, D. Frigideira, Catharina, e o Padre; cahido o Boi, foge Fidelis, chama-se um Capitão do campo para o prender; e um Doutor para curar o Boi; apparece um Padre para fazer o casamento de Catharina.

Matheus—Minha boio morreu!
Que será de mim?
Manda buscá outro
Lá no Piauhy.

Amo — O' Matheus, cadê o boi?

Matheus— Sinhô, o boio morreu...

Sahe o Matheus espancado pelo Amo.

Amo — O' Matheus, vá chamar
O doutor para curar
O meu rico boi:
Quero saber do Fidelis
Para onde foi.
O' Sebastião, va a toda a pressa,
Chame o Capitão do matto,
Dê as providencias,
Que traga o Fidelis
Na minha presença.

Chegando o Doutor, ajusta com o Amo a cura do Boi ; chegam D. Frigideira e Catharina, e Sebastião quer casar com esta ; apparece o Padre para este fim.

Padre— Quem me ver estar dansando
Não julgue que estou louco ;
Não sou padre, não sou nada ;
Singular sou como os outros.

Côro — O' gente, que quer dizer
Um padre n'esta funcção ?
E' signal de casamento,
Ou d'alguma confissão.

Padre— Bula bem na prima,
Bata no bordão ;
Leva arriba a funcção,
Não se acabe não.

Doutor para

Matheus—O' negro, teu desaforo
Já chegou aonde foi ;
Quando tu me chamares
E' p'ra gente e não p'ra boi.

Matheus—Ah ! uê, ah ! uê !
Troco miudo
Tu vai recebê.

O Capitão de campo dá com o Fidelis e vai prendel-o.

Capitão— Eu te atiro negro,
Eu te amarro, ladrão,
Eu te acabo, cão.

O Fideles vai sobre o Capitão e o amarra.

Côro — Capitão de campo,
Veja que o mundo virou,
Foi ao matto pegar negro
Mas o negro lhe amarrôu.

Capitão— Sou valente afamado,
Como eu póde não haver:
Qualquer susto que me fazem
Logo me ponho a correr.



THE ... OF ...

...

...

...



NOTAS

24107



FIGURAS PARA O NATAL

Dentre as tradições populares da Bahia, uma existe que passou à tradição oral, por isso que, com o tempo, o costume foi acabando.

Semanas antes do Natal, percorriam as ruas da cidade algumas mulatas e crioulas, ricamente vestidas, de saias de renda e panno de alacá, ostentando torço finissimo, cordões de ouro, coraes e brincos de pedraria, que vendiam em bandejas ou tableiros forrados de toalhas bordadas, figuras de barro e ornamentações para presépes.

Além de seu traçar característico e dos preciosos adornos por ellas usados, as encantadoras mulatas e mimosas crioulas traziam, para acompanhar-lhes as sonancias das trovas, um pandeiro que suspendiam no ar, á cujos tinidos ouvia-se o seguinte canto:

Bailem, bailem, pastorinhas,
Bailem com todo o primor;
Bailem, que hoje é nascido
Nosso grande Salvador.

Das *pastoras* que aqui vem
Eu sou a que menos tem;
Umás offerecem ouro,
Eu tambem dou meu vintem.

Remoçando os cajueiros,
De flor e fructos se exornam;
Os seus preciosos mimos
Nos campos vastos entornam.

Bailem, bailem, pastorinhas, etc.

Felizes tempos aquelles em que até se trabalhava
cantando!...



BAILES PASTORIS

Pertencem a antiga collecção de bailes pastoris, publicada na Bahia, os que reproduzimos n'este livro, com as incorrecções dos originaes, que melhor accentuam-lhes a authenticidade.

Essas producções poeticas que, como as demais, representam o que Renan classifica de *poesia bardica*, são de uma opulencia notavel no norte do Brazil, resaltando em todas o sentir religioso de suas congeneres, que se foram aperfeiçoando na Europa ás inspirações e relevo estheticos dos trovadores e menestreis de destino errante.

Os bailes pastoris são executados diante dos presépes, alguns dependem de scenarios; e os personagens, envergando vestimentas adequadas, cantam e declamam seus papeis, segundo as rubricas, ou a sciência especial dos ensaiadores.

A entrada dessas representações é sempre cantada e enriquecida de dansas proprias, continuando assim as scenas até o final, excepção feita de alguns trechos e das lôas, que os interlocutores recitam declamando.

De ordinario os figurantes eram meninos e meninas, que se preparavam diariamente para o desempenho das peças, tres ou quatro mezes antes do Natal.

Em outros tempos havia tambem na Bahia os *presépes de sombras*, limitando-ss raras casas a armar simplesmente o throno do Menino.

RANCHOS DE REIS

Ha trinta annos, na Bahia, alguns ranchos costumavam trazer comprida haste de madeira, do topo da qual pendiam longas fitas de côres, sustendo a extremidade livre de cada uma, vistoso folião, cuja vestimenta participava da nuança da fita que escolhia.

Logo que transpunham as salas, á cadencia das toadas tradicionaes, formavam os cantadores uma

dansa original, que tinha por objectivo enxadrezar nas evoluções todas as fitas, do alto ao meio da referida haste, desfazendo em seguida esse effeito, cantando e dansando em sentido contrario.

Findo o interessante bailado, os pastores e pastoras entregavam-se ás comezainas, retirando-se festivas ás cantilenas da noite, aos jubilos populares.

REISADO DO ZÉ DO VALLE

Apreciado em todo o norte, o *Reisado do Zé do Valle* apresenta um typo e uma scena vulgarissimos nos sertões e nas pequenas cidades d'aquella parte da Brazil, enfiados de malfeitores, de assassinos profissionaes e fanaticos.

Pela leitura do *Zé do Valle*, que aqui reproduzimos de Sylvio Roméro, comprehende-se o fundo d'essa poesia singular, que tem por fim desenhar com propriedade um episodio da vida do *matador* sertanejo em presença da primeira autoridade local, e cercado da familia que para elle implora a liberdade.

Desse pequeno dialogo, que é representado nas vesperas de Reis, o protogonista é authentico, e seus similares crescem em numero nos sertões do Ceará, Bahia, Pernambuco, Piauhy, etc., onde as lutas de partido, questões entre familias, usurpação de terras e outros motivos, apoiam e armam o braço homicida para tragedias horriveis e por vezes ignoradas.

Os *matadores do sertão*, como chamam na Bahia, constituem uma classe á parte, grupos arregimentados, com individuos afamados e temerosos.

Geralmente caboclos e mestiços, endurecidos por habito no crime, esses assassinos, supersticiosos e fanaticos, tinham sua psychologia especial, costumes distinctos.

Nunca lhes sendo o roubo o movel do crime, a lealdade de sua palavra e de sua conducta para com aquelles de quem estavam a serviço era inquebrantavel, merecendo por isso confiança inteira e igual.

Por uma ou duas patacas por dia, até 1850, tinha-se na capital da Bahia um *matador* affeito, um guarda-costas resolutivo.

Eramos bem creança e nos lembramos ainda de tres desses homens— chamados Fatúm, Polvarinho e José, que vieram dos Lenções para matar um advogado na cidade. Do pobre José, um pardo de mais de 40 annos, nos recordamos com reconhecimento, porque nos tomava ao collo e nos dispensava carinhoso affecto.

Na generalidade, os malfeitores, interrogados em juizo, diziam: « *matei porque fiz tenção* »; e contando o crime aos amigos e ás pessoas interessadas ou indifferentes, concluam, demonstrando a difficuldade em realisar a empreza :

— Olhe, *home*, vali-me de Nossa Senhora, fui esperal-o, e quando botei o taquari á cara, o cabra cahiu morto !

CHEGANÇA DOS MOUROS

De um velho comprovinciano nosso, que em sua mocidade representou no interior da Bahia em varias *cheganças*, recolhemos a que traz o titulo acima, e que fielmente encorporamos a este livro.

Além de ser ella completamente differente das que existem publicadas, o seu maior valor consiste na identidade do personagem que nol-a reproduziu, valendo-se para isso, o que é commum entre os taba-réos e indios do Brazil, do canto, da dansa e da musica como auxiliares da memoria.

Segundo as suas informações, a *Chegança dos Mouros* exige o scenario de um navio ambulante, que collocam sobre quatro rodas, sendo arrastado d'aquí para ali por foliões vestidos a character, e precedidos de outros que tocam violas, pandeiros, etc., com que acompanham o canto de trovas populares.

O BUMBA-MEU-BOI

Os áutos do *Bumba-meu-boi* são variados quanto á fôrma, admittindo, a exepção das figuras tradicionaes, outras, conforme os recursos do ranchos.

Nos *Cantos Populares* de Sylvio Roméro, talento e illustração de primeiro merito, escriptor erudito em

cousas nossas e de consulta obrigada, encontra-se este que exorna as *Festas do Natal*, por elle colligido ha alguns annos em uma das provincias do Norte.

POESIA BARDICA

A denominação de *poesia bardica*, que conservamos em todo este volume, substitue, amplamente, a de *poesia popular*, por isso que essas producções rudes são collectivas e anonymas, compostas de versos e de palavras rhythmadas aos quaes acompanham melodias musicaes, e que se desprendem das origens de toda a formação nacional.

Poesia espontanea das raças; celebrando assumptos religiosos ou acontecimentos publicos; destinada ao archivo das reminiscencias oraes, as categorias de ambas se confundem, as analogias entre as duas accentam-se com firmeza.

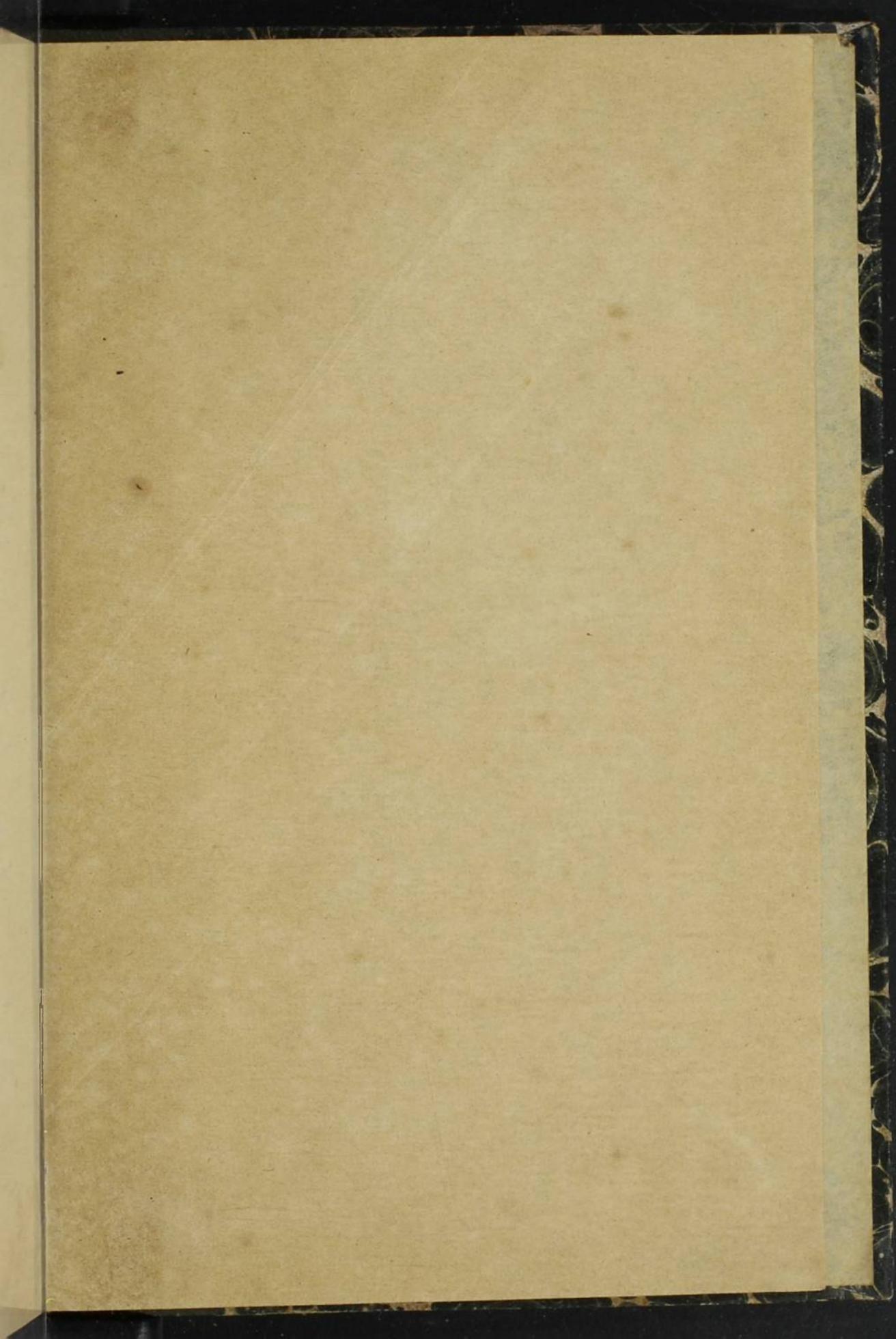
A poesia bardica é o canto popular das nações em suas nascentes historicas, perpetuado por gerações successivas, que o transmittem de memoria como herança de seus maiores.

No principio da *chegança dos Mouros*, depois do côro da primeira quadra, entra o COMMANDANTE.

INDICE

	PAGS.
DESCRIPÇÕES :	
A noite de Natal no Rio de Janeiro.. .. .	7
A vespera de Reis no Norte.....	17
O reisado da Cacheada.....	31
POESIA BARDICA.	
Baile das Quatro Partes do Mundo.....	43
Baile do Meirinho.....	51
Baile da Lavadeira... ..	71
Baile de Elmano.. .. .	85
Cantigas de Reis.....	101
Reisado do Zé do Valle.....	113
Chegança dos Mouros.....	117
O Bumba-meu-boi.. .. .	131
NOTAS.	
Figuras para o Natal.....	143
Bailes pastoris.....	144
Ranchos de Reis.....	145
Reisado do Zé do Valle.	146
Chegança dos Mouros.....	148
O Bumba-meu-boi.....	148
Poesia bardica.	149

Soufafa



24938

